

TORNAR A VIDA AMÁVEL

1. COMPREENSÃO

Compreensão em voz ativa

Como é agradável sentir-se compreendido em casa, no trabalho, entre os amigos mais chegados. E como é amargo sofrer a incompreensão. Dói ouvir frases como estas: “Meu marido não me compreende”, “Lá em casa não me entendem”, “Meu chefe só vê defeitos, não reconhece o bom trabalho que eu faço”...

Na vida de todos nós – na sua e na minha – é inevitável que haja malentendidos e incompreensões..., provavelmente menos dos que imaginamos por causa da nossa suscetibilidade. Mas mesmo que haja, é muito ruim passar a vida queixando-nos de que somos incompreendidos. Pode chegar a ser um “vitimismo” mórbido, além de uma perda de tempo.

Por isso, é importante que demos uma virada ao verbo compreender, e o passemos da voz passiva (“não sou compreendido”) para a voz ativa (“eu é que tenho que compreender”).

Você sabe por experiência – se for sincero – que compreender os outros não é nada fácil.

O primeiro obstáculo são os nossos próprios defeitos. Tinha razão o padre Vieira quando, num sermão de Quaresma, dizia que «os olhos veem pelo coração», que tinge com seus bons ou maus sentimentos a imagem que fazemos do próximo. «Muitos – escreve, no mesmo sentido, São Josemaria – focalizam as pessoas com as lentes deformadas de seus próprios defeitos» (*Sulco*, n. 644). Você já deve ter percebido que o mau humor, o rancor, a decepção, a raiva, a inveja e outras falhas nossas, são lentes estragadas que deformam a visão que temos dos outros.

Dois olhares contrapostos

Vejamos algumas luzes do Evangelho sobre a compreensão.

São Lucas narra que certo dia, enquanto Jesus estava à mesa com outros convivas na casa de um fariseu chamado Simão, uma mulher “pecadora na cidade” entrou inesperadamente na sala, ajoelhou-se atrás de Jesus e, chorando, começou a banhar-lhe os

pés com suas lágrimas, a ungi-los com o perfume que trazia num vaso de alabastro, a beijá-los e a enxugá-los com seus cabelos (cf. *Lc 7, 36-38*).

Todos a fitam espantados. O Evangelho concentra o foco em dois olhares contrapostos: o do fariseu e o de Jesus.

— O fariseu fixa os olhos naquela mulher e a fulmina; intimamente critica Jesus, pensando: *Se este homem fosse profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que o toca, pois é pecadora* (v.39).

— Jesus tem outro modo de olhar: *Voltando-se para a mulher, disse a Simão: “Vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me deste água para lavar os pés; mas esta com as suas lágrimas regou-me os pés...Não me deste o ósculo; mas esta, desde que entrou, não cessou de beijar-me os pés. Não me ungieste a cabeça com óleo, mas esta, com perfume, ungiu-me os pés. Por isso te digo: seus numerosos pecados lhe foram perdoados, porque ela tem demonstrado muito amor* (vv. 44-47).

— Simão só vê uma mulher manchada pelo *pecado*.

— Jesus só vê um coração *arrepentido*, cheio de *contrição* e de desejos de *reparar*.

O que nós vemos?

Certamente só vemos o que o nosso coração nos permite ver. *Se teu olho é são, todo o corpo será bem iluminado... Vê que a luz que está em ti não sejam trevas*, alerta-nos Cristo (*Lc 11, 34-35*).

Há corações escuros, que filtram a realidade e, nas pessoas, só veem o mal; enxergam apenas as sombras e não captam as luzes. As principais causas dessa distorção são duas: o orgulho e a inveja. O orgulho julga, critica e despreza; a inveja polui o olhar com a tristeza pelo bem dos outros e o rancor pela superioridade alheia.

Não é verdade que temos muita facilidade para descobrir defeitos naquelas pessoas cujas virtudes nos humilham? Ou naquelas que são mais apreciadas do que nós? Ou que detectamos defeitos aborrecidos nos familiares que nos irritam – esposa, marido, filhos –, simplesmente porque não pensam como nós ou não são como nós gostaríamos?

Vale a pena que, ao pensar nisso, nos perguntemos: Qual é o primeiro passo que devo dar para melhorar a minha capacidade de compreender?

Creio que o mais urgente é empenhar-nos lealmente por descobrir, reconhecer e agradecer as qualidades boas que os outros têm, e que tão injustamente esquecemos. Se

tentarmos fazer serenamente o elenco dessas qualidades, vamos nos surpreender. É impressionante constatar a quantidade de virtudes que lembramos, com saudades, de uma pessoa que faleceu. Não seria melhor ter reconhecido esses belos valores antes de que a morte a levasse?

Examinemos nossa consciência. Como é que agradecemos – com palavras e atitudes simpáticas – as virtudes, sacrifícios, serviços, delicadezas, etc, que familiares, colegas e amigos têm habitualmente para conosco? Como lhes manifestamos, de forma discreta e amável, essa gratidão; e como damos graças a Deus por tanta coisa boa que eles nos dão, em vez fechar o coração e criticá-los?

Trataremos com mais extensão deste assunto no capítulo 14.

Aprendamos a olhar com amor humilde

Veja o que Santa Teresinha dizia às suas noviças: «Devemos sempre julgar os outros benignamente, porque o que parece aos nossos olhos negligência pode muitas vezes ser um ato de heroísmo aos olhos do Senhor. Uma irmã que tenha uma dor de cabeça ou atravesse provações espirituais cumpre mais quando faz metade do seu trabalho do que outras irmãs sadias de corpo e alma que fazem tudo bem».

Se víssemos as pessoas como Deus as vê, choraríamos de pena pelas nossas faltas de compreensão.

Tentemos fazer o que aconselha São Josemaria: «Põe-te sempre nas circunstâncias do próximo: assim verás os problemas ou as questões serenamente, não te desgostará, compreenderás, desculparás...» (*Sulco*, n. 958).

E convençamo-nos de que só chegaremos a ser compreensivos se observarmos ao pé da letra o que Cristo nos mandou: *Por que olhas o cisco que está no olho do teu irmão e não vêes a trave que está no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave de teu olho, e assim verás para tirar a palha do olho de teu irmão (Mt 7,3.5).*

Esta última frase de Cristo – *assim verás para tirar...* – é importante, e exige uma reflexão mais ampla, que procuraremos desenvolver no próximo capítulo.

Por ora, encerremos esta primeira reflexão formulando duas perguntas:

— Quais são as pessoas que mais me aborrecem, de modo que quando as encontro ou penso nelas, a primeira coisa que me vem à cabeça são os defeitos desagradáveis que têm? *Por que* as vejo assim? Não diga: “Porque são chatas, porque não me tratam bem,

porque me incomodam?”. Pergunte-se antes: “Quais são os defeitos meus – que não reconheço por falta de humildade –, que me levam a julgar negativamente essas pessoas.

— Outra pergunta: Não acontecerá que eu tenho precisamente os defeitos que me incomodam nos outros? Talvez o meu espírito crítico me avise em silêncio de que eu deveria começar por extirpar tais defeitos de mim? Penso que, se procurássemos fazer isso, Jesus nos diria: “Agora que você tirou sua trave do olho poderá ajudar seu irmão a retirar o cisco do olho dele” (cf. *Mt*, 7,5).

2. CORRIGIR COM AMOR

Saber corrigir

Um dos aspectos mais nobres da compreensão é saber a corrigir. Corrigir os erros dos outros – com amor e ânimo de ajudar – é uma das melhores maneiras de compreendê-los.

Pode ser que alguém retruque: “Espere um pouco. Fora o caso da educação das crianças, “corrigir” não é uma espécie de ato de orgulho, de superioridade? Não seria mais próprio da compreensão esforçar-se só em desculpar, relevar, não julgar; e focalizar apenas lado bom da pessoa, como víamos no capítulo anterior?”

Não parece que Cristo pense assim, tendo em conta que Ele nos diz: *Se o teu irmão pecar, vai ter com ele e corrige-o a sós. Se te der ouvidos, terás ganho o teu irmão (Mt 18,15).*

São Paulo dá o mesmo conselho: *Irmãos, se alguém for surpreendido em alguma falta, vós, que sois animados pelo Espírito, admoestai-o em espírito de mansidão (Gl 6,1).*

Não esqueçamos o que víamos no capítulo anterior: Jesus, depois de censurar a pessoa que só enxerga o cisco no olho do irmão, fala do dever de corrigir: *Tira primeiro a trave de teu olho e assim verás para tirar o cisco do olho de teu irmão (Mt 7,5).*

Como vê, esse mesmo Jesus que nos ama e nos desculpa com infinita misericórdia, nos manda corrigir, precisamente porque quer, acima de tudo, o nosso bem. Por isso, porque nos ama, não hesita em alertar, em corrigir, em repreender, ainda que isso doa, como fez com os Apóstolos (cf. *Mt 16,23 e 20,25-26).*

Só o coração que ama corrige bem

— Quem é que não consegue corrigir e ajudar com amor? O egoísta indiferente, aquele que diz: “Isso é lá com ele, eu não me meto, que faça o que quiser... Se quer se afundar, que se afunde” E, quando o outro se afunda mesmo, tranquiliza-se pensando: “Foi ele que quis, eu não tenho a culpa”.

— Também não ama o bastante (e, por isso, não corrige) o mole de sentimentos, que acha que é bom com os outros só porque passa por cima de tudo e tudo tolera. Nunca adverte nem corrige por medo de magoar e perder a estima. A esse sentimental covarde, o Espírito Santo diz no livro dos Provérbios: *Melhor é a correção manifesta do que uma amizade fingida (Pr 27,5)*.

— Pior ainda que o tolerante mole é o psicólogo de araque que acha que corrigir é “traumatizar” ou tirar a “liberdade” (Meu Deus! Quando deixaremos de ouvir essas patacoadas?).

— Como é evidente, também não está em condições de corrigir cristãmente aquele que se irrita com os defeitos da pessoa, dá bronca na hora e diz que está “cansado e aguentá-la”. O que esse tal deve fazer é acalmar-se, ser humilde, calar e rezar pedindo a Deus o amor que não tem. E, se a irritação virou raiva ou ódio, ir logo confessar-se da sua séria falta de caridade.

Para corrigir fazendo o bem é preciso ter afeto pela pessoa, saber desculpá-la no íntimo de nós, e sentir pena quando vemos nela alguma coisa errada, porque pode lhe causar um mal. Justamente quem quer o bem do próximo deseja dar-lhe a mão que ajuda.

Pense que não é obstáculo para corrigir com eficácia o fato de sentir dificuldade em fazê-lo. Quase sempre custa falar de um defeito diretamente com o interessado; é natural que sofram com o receio de que – ainda que falemos com carinho – o outro não entenda e possa se melindrar. Mas mesmo assim é preciso rezar, antes e depois, falar. É uma questão de coragem e de lealdade.

Seria deslealdade calar-se, fingir, sorrir na cara e criticar pelas costas . Vem a propósito um episódio da vida do célebre escritor Chateaubriand. Conta em suas *Memórias* que certa vez o rei Luís XVIII da França lhe pediu sua opinião sobre uma medida que acabava de adotar e sobre a qual Chateaubriand discordava. O escritor tentou esquivar a resposta mas, perante a insistência do monarca, falou lealmente que era totalmente contra: «*Sire, pardonnez ma fidélité*» (“Senhor, perdoai a minha fidelidade”).

Pense que é especialmente falho o pai, a mãe, o superior, o educador que, para evitar passar um mau bocado, omite as correções devidas e deixa correr à deriva a vida dos

que deveria orientar. Falando desses comodistas, São Josemaria comentava: «Talvez poupem desgostos nesta vida ..., mas põem em risco a felicidade eterna – a própria e a dos outros – pelas suas omissões, que são verdadeiros pecados» (*Forja*, n. 577).

Como viver a “correção fraterna”?

Vamos encontrar belas respostas a essa pergunta em dois santos, que amaram, desejaram para si e praticaram a correção evangélica.

- São Josemaria Escrivá aconselhava:

— «Quando é preciso corrigir, deve-se atuar com clareza e amabilidade, sem excluir um sorriso nos lábios, se for oportuno. Nunca – ou muito raras vezes – aos berros» (*Sulco*, n. 823).

— «Quando tiveres de corrigir, faze-o com caridade, no momento oportuno, sem humilhar... e com vontade de aprender e de melhorares tu mesmo naquilo que corriges» (*Forja*, n. 455).

Como é importante o “momento oportuno”. Nem na hora – quando a coisa está quente –, nem atrasando a correção para um depois que não chega nunca.

— A delicadeza – como sempre lembrava esse santo – pede corrigir sempre *a sós* (cf. *Mt 18,15*), nunca em público; e fazê-lo num *lugar* isolado e discreto, no *momento* psicológico que se veja melhor. Neste sentido, São Josemaria aconselhava «Não repreendas quando sentes a indignação pela falta cometida. – Espera pelo dia seguinte, ou mais tempo ainda. – E depois, tranquilo e com a intenção purificada, não deixes de repreender» (*Caminho*, n. 10).

— Outro texto, dirigido aos pastores da Igreja mas aplicável a todos, completa os anteriores: «Governar, muitas vezes, consiste em saber “ir puxando” pelas pessoas, com paciência e carinho» (*Sulco*, n. 405). São Josemaria sempre aconselhava a não se afobar depois de uma correção querendo ver logo os “resultados”, mas a ter paciência, dar tempo ao tempo e continuar ajudando pouco a pouco com carinho.

— Tanto valor dava à prática evangélica da correção fraterna, que escrevia: «O exercício da correção fraterna é a melhor maneira de ajudar, depois da oração e do bom exemplo» (*Forja*, n. 641).

- São João Bosco:

O grande educador que, com a graça divina, soube tirar santidade do barro, aconselhava assim a seus discípulos, com palavras aplicáveis sobretudo à correção das crianças:

«Quantas vezes, meus filhinhos, no longo curso da minha vida, tive que me persuadir desta grande verdade: é mais fácil encolerizar-se do que aguentar; ameaçar a criança do que persuadi-la; direi mesmo, mais cômodo para nossa impaciência e soberba impor castigos aos obstinados do que corrigi-los, tolerando-os com firmeza e suavidade [...]

»É muito difícil, ao punir, manter o domínio sobre si, mas tão necessário para que não surja a dúvida de agirmos por autoritarismo ou exaltado nervosismo [...]

»Não haja agitação na mente, nem desprezo olhar, nem injúria na boca, mas misericórdia no momento presente, esperança do futuro, como convém a pais que de verdade se empenham em corrigir e emendar. É melhor nas situações gravíssimas rogar, súplice e humildemente a Deus, do que fazer correr um rio de palavras que ofendem os ouvintes, sem nenhum proveito para os culpados» (*Epistolário*, 4,201-203).

3. O DIÁLOGO

Discussão, mutismo e diálogo

Você tem a experiência de como é desagradável a pessoa que tem o hábito de discutir tudo, de ser sempre do contra em qualquer conversa. Se isso acontece habitualmente, chega a ser muito difícil suportá-la.

Também não é nada amável a pessoa que se tranca no mutismo, fica “na dele” e não se digna levar em consideração o que os demais lhe dizem.

Em contraste com essas duas atitudes, o diálogo é um ideal a que todos devemos aspirar, ainda que às vezes nos pareça inalcançável. “Ah, se eu conseguisse dialogar em casa, trocar impressões calmamente com a esposa, o marido, os filhos, em vez de andar às turras”. “Ah, se eu, no trabalho, tivesse um diretor que não se impusesse ditatorialmente, que não mandasse humilhando e ofendendo, que escutasse e fosse capaz de levar em conta as opiniões dos colaboradores...”

Dificuldades e condições para o diálogo

Almejamos dialogar e encontramos dificuldades por parte dos outros: seu modo de ser, sua arrogância, sua desconfiança, sua teimosia, seu mau humor...

É verdade que os outros, com frequência, dificultam o diálogo. Mas vamos começar pensando em nós. Não o dificultamos também? Façamos, para isso, um pouco de exame sobre três desculpas:

Primeira: *O nosso temperamento*. Pode ser distraído, absorto e psicologicamente surdo, por ser indiferente sem reparar. «Às vezes – lemos no livro *Sulco* (n. 755) –, pretendes justificar-te dizendo que és distraído, avoadado; ou que, por caráter, és seco, fechadão. E acrescentas que, por isso, nem sequer conheces a fundo as pessoas com quem convives. – Escuta: não é verdade que não ficas tranquilo com essa desculpa?».

Os defeitos de temperamento são um dos primeiros campos da nossa luta espiritual: devemos enfrentá-los e superá-los aos poucos com pequenas mortificações: por exemplo, “vou me esforçar por cumprimentar toda manhã com um sorriso todos os que encontrar”, “vou pensar em alguma coisa interessante para comentar em casa”, “vou perguntar a um colega sobre um assunto que o interessa vivamente”, “vou evitar falar quando sinto que começa a ferver a irritação”, etc.

Segundo: *A falta de tempo*. Eterna desculpa. Convençamo-nos de que sempre achamos tempo para aquilo que desejamos de verdade. Quem quer, acha. É claro que, se formos egoístas, cheios de autocompaixão – “como estou cansado!” –, se só tivermos vontade de que nos deixem em paz, nunca encontraremos tempo para prestar atenção. Não seremos capazes de desligar o computador ou o *smartphone*, de sentar na sala, no alpendre ou na copa e conversar em família; nem de sair uma noite por semana com a esposa; nem de comer uma pizza com o filho que mais precisa da compreensão do pai; nem de marcar um almoço de amizade (não de negócios) com um colega.

Terceiro: *O modo de ser dos outros*: esquivos, explosivos, agressivos... Este, realmente, é um obstáculo, porque, para dialogar, é precisa a boa disposição de dois. Mas, por mais objetivas que sejam as dificuldades, nunca julguemos que as almas são tão frias como parecem. Coloque-se o ferro frio no fogo e – além de se aquecer e ficar em brasa – vai se tornar moldável.

O “fogo”, no caso, tem que ser o nosso esforço por sermos e mostrar-nos afetuosos, compreensivos, bem-humorados. Quantas vezes não aconteceu que, num ambiente familiar aquecido por um amor generoso e constante, a pessoa mais difícil se modificasse, o ressentimento mais rijo se dobrasse, a língua mais amarrada se desatasse, e a “megera” (homem ou mulher) se tornasse, como na comédia de Shakespeare, “a megera domada”.

Condições do bom diálogo

Vou me basear agora em algumas palavras do Beato Paulo VI (na sua primeira encíclica, *Ecclesiam suam*, de 6 de agosto de 1964, nn. 42 e seguintes) sobre as condições do diálogo.

Paulo VI trata nesse escrito especificamente do “diálogo da salvação”, do diálogo da fé com todos, especialmente com os não cristãos ou não crentes. Mas os princípios que enuncia podem ser aplicados a qualquer bom diálogo.

— «O diálogo da salvação foi aberto espontaneamente por iniciativa divina: “Deus foi o primeiro a amar-nos” (1Jo 4,10)». A nós toca, se queremos dialogar, tomar «a iniciativa, sem esperar que nos chamem». Ou seja, tentar com delicadeza, uma e outra vez – sem insistências enfadonhas – iniciar o diálogo: muitas vezes o melhor começo poderá ser abriremos com o outro, num ato espontâneo de sinceridade pessoal.

— «Nada, senão o amor desinteressado, deve despertar o nosso diálogo». É outra condição fundamental. Não procurar o diálogo movidos por qualquer tipo de interesse egoísta (ficar bem, badalar, tirar vantagem), mas porque queremos o bem da pessoa, porque lhe temos um apreço sincero.

— «O diálogo não obriga ninguém a responder...; deixa livre para corresponder ou fechar os ouvidos», diz a encíclica. Se não há respeito pela liberdade alheia, não pode haver diálogo. Esse respeito é um convite para que a outra parte respeite também a nossa liberdade, e cada um respeite a opinião do interlocutor, mesmo que discorde dela.

Na obra *Anima mundi* de Susanna Tamaro lemos o seguinte diálogo: «– Agora você compreendeu? – Compreendi o quê? – A coisa mais simples: o que é o amor. – E o que é? – É atenção».

— O diálogo – diz ainda a encíclica – tem «progressos sucessivos; humildes princípios antes do resultado pleno..., mas nem por isso o nosso diálogo deixará para amanhã o que pode conseguir hoje... Deve recomeçar cada dia; e recomeçar do nosso lado, não do outro a quem se dirige». Sim, faz falta ter paciência, paz, e uma constância prudente, delicada e incansável.

Qualidades do bom diálogo

Várias delas acabamos de vê-las ao tratar das condições do diálogo. O n. 47 da citada encíclica, menciona quatro das principais:

— «Primeiro que tudo, a *clareza*». Ou seja, que se entenda o que estamos dizendo, sem ambiguidade nem confusão.

— «Outro caráter é a *mansidão*... O diálogo não é orgulhoso, não é pungente, não é ofensivo». Em sintonia com esse texto, vale a pena citar um ponto do livro *Caminho*: «Isso mesmo que disseste, dize-o noutro tom, sem ira, e ganhará força o teu raciocínio, e sobretudo não ofenderás a Deus» (n. 9).

— «Outra característica é a *confiança*..., que produz confidências e amizade»; que, assim, abre as janelas dos corações e permite que neles entre a luz do entendimento mútuo, sem preconceitos.

— Por último, «a *prudência*, que leva a tomarmos o pulso à sensibilidade alheia e a modificarmos as nossas pessoas e modos, para não sermos desagradáveis nem incompreensíveis».

É um belo programa. Tentemos trabalhar melhor esse ideal do diálogo – de que fala constantemente o Papa Francisco –, e não esqueçamos qual é a condição básica: «O convívio é possível quando todos se empenham em corrigir as deficiências próprias e procuram passar por alto – perdoar – as faltas dos outros » (São Josemaria, *Questões atuais do Cristianismo*, n. 108).

4. O SILÊNCIO

Para tornar mais amável a vida dos outros, tão importante quanto o diálogo é o silêncio. A caridade para com o próximo exige saber calar por amor. «Não abras a boca – diz um velho provérbio – senão quando estiveres certo de que as tuas palavras serão mais belas que o teu silêncio».

Silêncios medicinais

São Paulo exorta assim os efésios: *Nenhuma palavra má saia da vossa boca, mas só a que for útil e, sempre que for possível, benefazeja aos outros (Ef 4,29)*.

“Palavras más” não são apenas as palavras maldosas, que ferem ou causam dano ao próximo (insulto, humilhação, calúnia, mentira¹), mas as que – mesmo sendo banais – de algum modo incomodam. É frequente o caso de pessoas que aborrecem muito os outros com a sua língua e nem sequer suspeitam disso. Talvez algumas palavras nossas estejam precisando da medicina do silêncio. Por exemplo:

¹ Ver, a respeito desses defeitos, o livro *A conquista das virtudes*, cap., 21 e 22

— *Palavras emocionais*. Quantos repentes! Quantas respostas impensadas, quantas censuras feitas na hora, quantas exclamações nervosas, quantas avaliações precipitadas, quantos comentários imprudentes tornam desagradável o relacionamento no lar e em qualquer outro ambiente.

É preciso lutar para exercitar-nos no *silêncio medicinal*. Segurar a língua é uma mortificação santa, difícil mas necessária. «O silêncio torna-nos melhores – dizia a grande educadora Lubienka de Lenval –, o silêncio é uma conquista de nós próprios», um ato de autodomínio que pode ser alcançado pouco a pouco, com a graça de Deus, se nos exercitamos em dominar a língua. Bem afirmava o místico alemão Tauler que «o silêncio é o anjo da guarda da fortaleza». Só a alma espiritualmente forte consegue dominar emoções que espirram em palavras impensadas.

— *Torrentes verbais*. É a loquacidade descontrolada, a tagarelice da pessoa que fala, fala, fala..., e não deixa falar. Não escuta, nem se apercebe de que está sufocando os demais. «Depois de ver em que se empregam, por completo! muitas vidas (língua, língua, língua, com todas as suas consequências), parece-me mais necessário e mais amável o silêncio» (*Caminho*, n. 447).

O filósofo Kirkegaard deve ter sofrido com esses tsunamis verbais, porque, já cansado, dizia: «Se eu fosse médico e me pedissem um conselho, responderia: calem-se; façam calar os homens».

A muitos faria bem repetir todos os dias aquela oração do salmo: *Senhor, ponha uma sentinela na minha boca!* (Sl 39,2 Vg).

— *Palavras vaidosas*. Há pessoas que sempre tem que meter “colherada” e dar a sua opinião em tudo, mesmo que ninguém a peça. Cortam a palavra aos outros e enfiam seu parecer ou sua versão sobre o mesmo assunto. Parece que gostam de demonstrar que o outro está mal informado, ou sabe pouco, ou não sabe se explicar bem, ou diz um disparate...

É muito desagradável a atitude dos que se obstinam «em ser o sal de todos os pratos» (*Caminho*, n. 48), e passam a vida dando “lições magistrais”. Aí já não se trata somente de lutar para controlar a língua, mas de pedir a Deus a virtude da humildade.

— *Palavras secas*. Há pessoas que habitualmente falam de modo seco, áspero, rude. Se alguém as adverte, retrucam: “Mas eu não tenho raiva de ninguém, não estou zangado, é o meu modo de falar”. A resposta é: “Justamente este seu modo antipático é que deve mudar, se você quiser fazer a vida um pouco mais agradável aos outros. Uns exercícios de cortesia e suavidade verbal não lhe fariam mal nenhum”.

Os silêncios do amor

Os silêncios do amor são muitos. Como é tocante a beleza da mãe que contempla em silêncio o seu bebê no berço; ou os silêncios carinhosos e eloquentes dos que se querem bem? Não vamos falar agora de todos esses belos silêncios. Vamos pensar apenas em dois:

— *O silêncio da atenção.* É a capacidade de escutar em silêncio e com interesse, sem interromper. Já víamos que essa atitude é de respeito pelo outro e de caridade cristã, e faz bem àquele que deseja conversar conosco. Há pessoas muito solitárias que precisam – mais do que o pão – de um bom coração que as escute.

Gosto de lembrar que faz muitos anos, quando eu era um padre novinho, ia visitar com frequência – por razões de trabalho – um velho bispo, que gostava de contar lembranças da infância e da juventude. Nas entrevistas, ele falava o tempo todo, e eu escutava sem dizer palavra, com um silêncio reverencial. Passados uns tempos, quase caí da cadeira quando soube, por um padre amigo, que o bispo dissera de mim que tinha “uma conversa muito agradável”. A única coisa que fazia era escutar!

— *O sacrifício silencioso.* É maravilhosa a pessoa que sabe sofrer e sacrificar-se em silêncio, sem queixar-se nem por palavras, nem por olhares, nem por gestos.

Conheci uma porção de pessoas boas e santas, que nunca reclamavam: nem da dor, nem do mau tempo, nem da comida, nem da doença. Como é agradável o convívio com elas. Fazem lembrar a atitude de Jesus na Paixão. Sofria e calava, por amor a nós. No meio de dores e injustiças brutais, *Jesus, no entanto, permanecia calado (Mt 26,63).*

Há casos heroicos, verdadeiros reflexos de Cristo na Paixão². E há casos simples, de pequeno heroísmo cotidiano, que podem ser imitados por todos. No mosteiro de Lisieux, onde morava Santa Teresinha, havia um freira que, sem se aperceber disso, tinha constantemente atitudes e comentários desagradáveis. Santa Teresinha propôs-se escutá-la e aceitar as suas impertinências com grande paciência e sempre sorrindo. E a outra, ingênua como ela só, acabou comentando: “Não sei o que vê em mim a irmã Teresa, que gosta tanto de mim”.

Não quero encerrar este capítulo sem uma breve menção do silêncio que é a fonte de todos os silêncios bons: o silêncio com Deus: o silêncio da meditação, da oração, da confiança. Um Silêncio com maiúscula que purifica, aquece e transforma o coração. Tomara que todos pudéssemos repetir o que escrevia Ernest Psichari, neto do ateu militante Ernest

² Vários exemplos são narrados no livro *A paciência* (Ed. Quadrante)

Renan, após a sua conversão: «A esses grandes espaços de silêncio – de silêncio com Deus – que atravessam a minha vida, devo eu afinal tudo o que em mim possa haver de bom. Pobres daqueles que não conheceram o silêncio! Porque o silêncio é o mestre do amor».

5. A MISERICÓRDIA: “PERDOAI-VOS”

Uma balança mal equilibrada

Um bom amigo me dizia: “Adquiri o hábito de rezar todas as noites o comecinho do Salmo 51, e me faz muito bem: *Ó, Deus, tende piedade de mim, conforme a vossa misericórdia; no vosso grande amor, apagai o meu pecado. Lavai-me de toda a minha culpa, e purificai-me do meu pecado*”.

Senti vontade de imitá-lo, e não me estranharia que você a sentisse também.

É tão comovente a misericórdia de Deus! Basta lembrar a parábola do filho pródigo, esse retrato de Deus que, ao menor aceno de arrependimento, corre ao nosso encontro, abraça-nos e nos cobre de beijos, organiza uma festa e nos concede o lugar de honra em sua casa (Cf. *Lc 15, 20-24*).

Deus é assim. Na sua Encíclica sobre a misericórdia, São João Paulo II dizia: «A misericórdia, como perfeição de Deus infinito, é também infinita. Infinita, portanto, e inexaurível é a prontidão do Pai em acolher os filhos pródigos que voltam à sua casa»³.

O Papa Francisco, pregoeiro incansável da misericórdia divina, frisa na sua Encíclica sobre a alegria do Evangelho: «Insisto uma vez mais: Deus nunca se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de pedir a sua misericórdia [...]. Ele nos permite levantar a cabeça e recomeçar, com uma ternura que nunca nos defrauda e sempre nos pode restituir a alegria»⁴.

No mesmo sentido, São Josemaria escrevia: «Deus não se escandaliza dos homens. Deus não se cansa com as nossas infidelidades. Nosso Pai do Céu perdoador qualquer ofensa quando o filho volta de novo para Ele, quando se arrepende e pede perdão. » (*É Cristo que passa*, n. 64).

³ Encíclica *Dives in misericordia*, n. 83

⁴ Encíclica *Evangelii Gaudium*, n. 3

Sendo assim, é natural que o Senhor nos mande: *Sede misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso (Lc 6,36)*; e que nos ensine a rezar, de coração sincero: *Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos têm ofendido*, acrescentando a seguir umas palavras que nunca deveríamos esquecer: *Porque, se não perdoardes aos homens, tampouco vosso Pai vos perdoará (Mt 6,13-15)*.

O *Catecismo da Igreja* comenta incisivamente essa última frase: «Ora, isso é tremendo, este mar de misericórdia não pode penetrar no nosso coração enquanto não tivermos perdoado aos que nos ofenderam. Recusando-nos a perdoar..., o nosso coração... se torna impermeável ao amor misericordioso do Pai» (n. 2840).

Que acha? Não lhe corre um certo arrepio pela alma? Sim, a verdade é que adoramos ser perdoados mas, muitas vezes, não queremos perdoar. A balança do nosso amor anda desequilibrada, e convém muito que procuremos nivelá-la. Vale a pena meditar nisso.

Se sete vezes no dia te pedir perdão...

Deus não se cansa. Nós nos cansamos. Como é fácil dizer “chega!” e ficar guardando mágoa, ressentimento, ânsias de revidar, e até de excluir a pessoa do nosso convívio. “Se ele (se ela) vai a esse jantar, eu não vou”. “Não quero que apareça mais aqui em casa”. “Essa pessoa, não a cumprimento, nem olho para ela”. Pode ser Natal, pode ser um aniversário, pode ser uma comemoração propícia para o conagraçamento, que o coração rancoroso se manterá trancado com sete ferrolhos.

Você dirá, talvez: “Mas Jesus fala do filho pródigo, que se arrependeu”... E também diz: *Se teu irmão pecar sete vezes no dia contra ti e sete vezes no dia vier procurar-te dizendo: “Estou arrependido”, lhe perdoarás (Lc 17,4)*. Fala de perdoar aos que “se arrependem”, aos que pedem perdão. E se não pedem?

Está bem. Neste capítulo, vamos ficar pensando apenas nos primeiros, nos que nos pedem perdão. No próximo capítulo meditaremos sobre os que não o pedem.

Se te pedir perdão

Para começar, citaremos outro trecho do Evangelho, que fala dos “limites sem limite” do perdão: *Então, Pedro se aproximou dele e disse: “Senhor, quantas vezes devo perdoar a meu irmão?” Até sete vezes? Respondeu Jesus: “Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete” (Mt .18,21-22)*. “Sete vezes ao dia”, “setenta vezes sete”. Como sete é o número bíblico que indica o infinito, Jesus ensina-nos que é preciso perdoar sempre.

Se vier procurar-te dizendo: “Estou arrependido”... Você entende bem isso? Será que compreendemos o pedido de perdão quando não é dito verbalmente (“me perdoe”, “desculpe”, “falei sem pensar, não queria dizer isso”...). Porque há formas silenciosas de pedir perdão, que devem ser captadas e aceitas de coração aberto. Podem ser belos pedidos de perdão um olhar afetuoso, um gesto humilde, uma palavra carinhosa, uma atitude solícita que mostra o desejo de se aproximar e reparar o erro cometido. Vamos fechar o coração? Vamos ser uma espécie de “monarcas” que só perdoam se a pessoa cai a seus pés, suplicando: “Perdão”?

Deus não age assim. É tocante, na parábola do filho pródigo, ver o filho perdido se aproximando da casa paterna enquanto ensaia, medroso, o que vai falar: *Irei a meu pai e lhe direi: Meu pai, pequei contra o céu e contra ti, já não sou digno de ser chamado teu filho. E contemplar depois o pai, que mal avista o filho corre ao seu encontro e nem deixa que termine de falar. As palavras do filho ficam abafadas dentro de um abraço (Cf. Lc 15, 17-24).*

Este é o espírito de Cristo. Este deve ser o espírito cristão. O que ensina São Paulo: *Sede uns com os outros bondosos e compassivos. Perdoai-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo (Ef 4,32).* Como viver isso?

Uma dificuldade

Não é raro que muitos digam, constrangidos: “Entendo... Deveria ser assim. Mas não consigo... Não consigo esquecer nem perdoar”.

Se temos essa dificuldade, leiamos com atenção o que diz o *Catecismo da Igreja Católica*, ao comentar o pedido de perdão do Pai-nosso: «Não está em nosso poder não mais sentir e esquecer a ofensa; mas o coração que se entrega ao Espírito Santo transforma a ferida em compaixão e purifica a memória, transformando a ofensa em intercessão» (n. 2843).

Que esclarecimentos nos traz esse texto? Pelo menos quatro.

— Primeiro. Muitas vezes não depende de nós o que sentimos, «não está em nosso poder não mais sentir e esquecer a ofensa». Mas não confundamos “sentir” com “querer”, e não esqueçamos que o autêntico amor está na vontade – no querer – e não nos sentimentos. Mesmo tendo dificuldade “emotiva” para limpar o rancor do coração, podemos dar a Deus todo o nosso querer: “Meu Deus, eu quero mesmo perdoar, me ajude!” Se essa atitude for sincera, já estamos perdoando *de todo o coração (Mt 18,35)*. Estamos mesmo, porque estamos “entregando” nosso coração ao Espírito Santo com um ato da nossa vontade.

—Segundo. O *Catecismo* convida-nos a «transformar a ferida em compaixão». Compaixão, logicamente, não significa desprezo. Há quem diga, com cara de nojo: “Eu não sinto raiva, sinto pena desse pobre coitado, que não vale nada...”. Isso é desprezar.

Compaixão é perceber que toda falta faz mal, antes de mais, a quem a comete. É uma ferida que se faz a si mesmo, e que deve mover-nos a agir como o bom samaritano, ajudando-o a curá-la (Cf. *Lc 10, 33-35*). Como? Esforçando-nos por ser acolhedores, não remexendo na ferida, tendo a iniciativa criativa de praticar pequenos atos de bondade. São João Paulo II dizia: «O amor misericordioso, por sua essência, é um amor criador»⁵. Num clima criativo de atos bons, a bondade dos outros poderá desabrochar.

Terceiro. O amor misericordioso «purifica a memória». Sabe qual é o melhor “método” para isso? Bastam, poucas palavras. Medite devagar o que aconselha *Caminho*: «Por maior que seja o prejuízo ou a ofensa que te façam, mais te tem perdoado Deus a ti» (n. 452).

Quarto. «Transforma a ofensa em intercessão», diz o *Catecismo*, ou seja, em oração de petição pela pessoa que nos ofendeu. Proponha-se, por exemplo, fazer o seguinte: «Sempre que me lembrar do que me fez, sempre que pensar nessa pessoa, vou rezar uma Ave Maria por ela”.

Deste modo, apesar das nossas fraquezas, viveremos o ideal que São Paulo propunha a todos os cristãos: *Não te deixes vencer pelo mal, mas triunfa do mal com o bem (Rm 12,21)*.

6. O CUME DA MISERICÓRDIA

“Vivamente impressionados”

No final do Sermão da Montanha – compêndio da pregação de Cristo –, diz São Mateus que, *quando Jesus acabou de falar, a multidão ficou vivamente impressionada com a sua doutrina (Mt 7,28)*.

Não era para menos, como fica patente pelo ensinamento que vamos meditar neste capítulo: *Tendes ouvido que foi dito: amarás a teu próximo e poderás odiar teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos maltratam e perseguem (Mt 5,43-44)*.

⁵ Encíclica *Dives in misericordia*, n. 88

Recordávamos, no capítulo anterior, que devemos perdoar aos que nos ofendem quando dão sinais de arrependimento. Agora ouvimos o Senhor mandar-nos perdoar também aos que, sem ter arrependimento nenhum, nos ofenderam, nos perseguem e maltratam.

Você dirá: “Isto é superior às nossas forças!”. E eu lhe direi: “É mesmo, concordo”. E acrescentarei que a Igreja diz a mesma coisa. Veja o *Catecismo*:

— «Esta exigência crucial do mistério da Aliança [perdoar os inimigos] é impossível para o homem. Mas “tudo é possível a Deus” (Mt 19,26)» (n. 2841).

— «Só o Espírito [Santo]... pode fazer “nossos” os mesmos sentimentos que teve Cristo Jesus..., esse Amor que ama até o extremo do amor» (n. 2843).

— «O perdão dá também testemunho de que, em nosso mundo, o amor é mais forte que o pecado. Os mártires, de ontem e de hoje, dão este testemunho de Jesus (n. 2844).

Com Cristo, pelo Espírito Santo

O máximo paradigma do perdão dos inimigos foi dado por Cristo na Cruz. Depois de ter sofrido em silêncio injustiças, brutalidades e toda sorte de torturas físicas e morais, nosso Senhor pediu: *Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem (Lc 23,34)*.

São João Paulo II, meditando este mistério, comentava: «Crer no Filho crucificado significa crer que o amor está presente no mundo e que este amor é mais forte do que toda espécie de mal em que o homem, a humanidade e o mundo estão envolvidos» (*Dives in misericórdia*, n. 50).

Com a força de Cristo e o dom do Espírito Santo, os discípulos de Jesus foram capazes de atingir esse cume supremo do amor: desde o primeiro mártir – o diácono Santo Estêvão, que morreu rezando de joelhos: *Senhor, não lhes leves em conta este pecado (At 7,60)* –, até a incontável multidão de homens e mulheres, jovens, velhos e crianças que – em todos os tempos – morreram entre torturas, perdoando e orando pelos seus carrascos. *Estes são* – diz poeticamente o Apocalipse – *os que lavaram as suas vestes e as alvejaram no sangue do Cordeiro (Ap 7,14)*.

Com Cristo, o impossível se torna possível.

As palavras de Jesus

Vamos meditar agora as palavras de Jesus sobre o perdão dos inimigos, que citamos no começo deste capítulo (Mt 5,43-44). São três breves frases:

● Primeira: *Amai os vossos inimigos*. Amar é “querer o bem” do outro (amigo ou inimigo). Vejamos alguns exemplos:

— São Paulo, perseguido de morte em Jerusalém e preso em Cesareia marítima, foi apresentado diante do procurador romano Pórcio Festo e o rei Agripa, seu convidado. Paulo fez a sua defesa com a serenidade e a têmpera da fé. Festo, impressionado, disse-lhe: *Estás louco, Paulo!* E o Apóstolo, dirigindo-se ao rei Agripa: *“Crês, ó rei, nos Profetas? Bem sei que crês!”*. Disse então Agripa a Paulo: *“Por pouco não me persuades a fazer-me cristão!”* Respondeu Paulo: *Prouvera a Deus que, por pouco ou por muito, não somente tu, senão também quantos me ouvem, se fizessem hoje tal qual eu sou, à exceção destas correntes (At 26,24-28)*. O maior desejo de Paulo era que até os seus juízes recebessem o benefício da fé.

— São Pedro, por seu lado, exortava assim os discípulos ameaçados por uma feroz perseguição: *Não pagueis mal com mal, nem injúria com injúria. Ao contrário, abençoai, pois para isto fostes chamados, para que sejais herdeiros da bênção (1Pd 3,9)*.

— Nos nossos dias, o arcebispo vietnamita Francisco Xavier Van Thuân, falsamente acusado, esteve preso pelos comunistas, a partir de 1975, durante treze anos (nove deles no isolamento). Quase no final do cativeiro, o carcereiro, admirado pela sua bondade, perguntou-lhe: «O senhor nos ama verdadeiramente? — Sim, eu os amo sinceramente. — Mas nós o tivemos preso durante tantos anos, sem julgá-lo, sem condená-lo, e o senhor nos ama? É impossível, isso não é verdade! — Estive muitos anos com vocês. Você viu que isso é verdade. — Quando for libertado, não vai mandar os seus fiéis incendiar as nossas casas e matar as nossas famílias? — Não. Mesmo que você queira matar-me, eu o amo. — Mas, por quê? — Porque Jesus me ensinou a amar a todos, mesmo aos inimigos. Se eu não o fizer, não sou digno de ser chamado cristão. — É muito bonito, mas difícil de compreender...»⁶.

● Segunda: *Fazei bem aos que vos odeiam*. Já lembramos que é nisso – querer o bem – que consiste amar. Vale a pena ilustrá-lo também com alguns exemplos:

— São Josemaria Escrivá. Durante a guerra civil espanhola (1936-1939) foi perseguido pelos comunistas e anarco-sindicalistas – como acontecia com todos os sacerdotes –, e se refugiava onde podia, em constante perigo de morte. Sofreu inúmeras penalidades, que descrevi em parte em outra obra⁷. Depois da guerra, em 1941, teve que tomar um táxi em Madrid, e conversou cordialmente com o taxista, frisando a beleza da concórdia e da união. O taxista manteve-se calado e carrancudo. No fim, perguntou: “Onde

⁶ *Cinco Pães e dois peixes*, Ed. Santuário, pp. 54-55

⁷ *O homem que sabia perdoar*, Ed. Indaiá 2011. Cf. págs. 29-30

é que o senhor esteve durante a época da guerra?” — “Em Madrid”, respondeu-lhe o sacerdote. — “Que pena que não o tenham matado”, replicou o motorista.

O Padre Josemaria perdoou-o e, para que visse que não lhe guardava nenhum rancor, tirou todo o dinheiro que trazia no bolso, entregou-lhe e disse: — “O senhor tem filhos?” Vendo-o fazer um gesto afirmativo, acrescentou: — “Fique com o troco. Compre uns doces para os seus filhos”.

— Voltando ao arcebispo Van Thuân, vale a pena ler este seu relato: «Uma noite, veio-me um pensamento: “Francisco, tu és ainda muito rico. Tens o amor de Cristo no teu coração. Ama-os como Jesus te ama”. No dia seguinte comecei a amá-los, a amar Jesus neles, sorrindo, trocando palavras gentis. Comecei a contar-lhes histórias das minhas viagens ao exterior, como vivem os outros povos [...], a economia, a liberdade, a tecnologia. Isso estimulou a curiosidade dos guardas e incitou-os a perguntar-me muitas outras coisas. Pouco a pouco nos tornamos amigos. Queriam aprender línguas estrangeiras, francês, inglês... Os meus guardas tornavam-se meus alunos!

»A atmosfera da prisão mudou muito. A qualidade do nosso relacionamento melhorou muito. Até com os chefes da polícia. Quando viram a sinceridade do meu relacionamento com os guardas, não só pediram para continuar a ajudá-los no estudo de línguas estrangeiras, mas ainda me mandaram novos estudantes»⁸. Isto é o que São Paulo chama *vencer o mal com o bem* (Rm 12,21)!

Mas... e a justiça? – perguntará alguém– Onde fica? Será que agir como esses homens de Deus não é uma tolerância passiva para com a injustiça? Vou deixar que responda João Paulo II: «É óbvio que a exigência de ser tão generoso em perdoar não anula as exigências objetivas da justiça... Em nenhuma passagem do Evangelho o perdão, nem mesmo a misericórdia como sua fonte, significa indulgência para com o mal, o escândalo, a injúria causada, ou o ultraje feito»⁹.

Como esclarecia Santo Agostinho, «é preciso combater o erro e amar o que erra», ou seja, uma coisa é amar e perdoar a “pessoa”, e outra coisa é deixar que a injustiça fique triunfante, impune, sem que haja – como diz o Papa citado, no mesmo lugar – «a reparação do mal e do escândalo, o ressarcimento do prejuízo causado e a satisfação pela ofensa feita...». Sempre, porém, o amor cristão acompanha e vivifica a justiça, evitando o espírito de vingança.

● Terceira: *Orai pelos que vos maltratam e perseguem*. Voltemos agora ao exemplo de São Josemaria. Nos anos prévios à guerra civil espanhola, a perseguição religiosa avançava num *crescendo*. Muitas igrejas queimadas, padres e leigos católicos torturados e

⁸ *Ibidem*, pág. 54

⁹ Encíclica *Dives in misericordia*, n. 97

mortos... Quase todos os dias São Josemaria era insultado ou ameaçado pelas ruas de Madrid. Em 18 de setembro de 1931 anotou em seus apontamentos íntimos:

— «Tenho de agradecer ao meu Deus uma notável mudança: até há pouco tempo, os insultos e as chacotas que, por ser sacerdote, me dirigiam desde a vinda da República (antes, raríssimas vezes) tornavam-me violento. Decidi rezar por eles com uma Ave-Maria à Santíssima Virgem, quando ouvisse grosserias ou indecências. Assim o fiz. Custou-me. Agora, ao ouvir essas palavras ignóbeis, regra geral, fico comovido, considerando a desgraça dessa pobre gente que, se procede assim, julga fazer uma coisa honesta, porque abusando da sua ignorância e das suas paixões, a fizeram crer que o sacerdote, além de ser um parasita vadio, é seu inimigo, cúmplice do burguês que o explora»¹⁰. A isso ele chamava «apedrejar com Ave-Marias»¹¹.

Uma apostila final: Estivemos falando, neste capítulo, do perdão dos inimigos, daqueles que – como diz Jesus – nos querem mal, “nos maltratam e perseguem”, e não se arrependem. Sob esta luz, releia de novo, nem que seja por cima, o capítulo anterior. Talvez Deus o ajude a abrir os olhos e perceber que, para praticar o perdão cotidiano no convívio familiar, no trabalho, no trânsito, na vida ordinária, a nossa misericórdia tem que ser bem maior. Peçamo-la a Deus, e procuremos compreender mais a fundo o que é imitar a Cristo e “tornar a vida amável”.

7. ESPÍRITO DE SERVIÇO

Para sermos felizes

Se compreenderdes essas coisas, sereis felizes, sob a condição de as praticardes

— Quem disse estas palavras? Jesus Cristo (Jn 13,17).

— Quando? Logo após lavar os pés aos apóstolos na Última Ceia.

— E quais são “essas coisas” que Ele nos anima a compreender? São a dedicação humilde e o serviço aos demais.

Compreendeis o que eu vos fiz? – perguntou-lhes Jesus, depois do lava-pés –. Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou. Logo, se eu, vosso Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo, para

¹⁰ O homem que sabia perdoar, pág. 29

¹¹ *Ibidem*, pág. 28

que, como eu vos fiz, assim façais também vós [...]. Se compreenderdes essas coisas, sereis felizes, sob a condição de as praticardes (Jn 13, 12-15).

Os apóstolos devem ter lembrado, ao ouvir essas palavras, várias discussões que mantiveram entre eles e que Cristo teve de corrigir (cf. (Mt 20,20 ss; Mc 9,33 ss; Lc 9, 46 ss; Lc 22,24 ss).

São Mateus relata com pormenor que, um dia, se aproximou de Jesus a mãe de Tiago e João, acompanhada pelos filhos, e lhe pediu: *Ordena que estes meus dois filhos se sentem no teu Reino, um à tua direita e outro à tua esquerda (Mt 20,20-21) .*

A resposta do Senhor foi rápida: *Não sabeis o que pedis.* A seguir, lembrou-lhes que, para estar junto dele, é preciso estar disposto a beber seu *cálice*, tomar a cruz. No seu Reino não cabem o egoísmo, os interesses, as vantagens nem as ambições.

Voltando-se logo depois para os outros dez, que estavam indignados com a pretensão dos dois irmãos, disse-lhes: *Todo aquele que quiser tornar-se grande entre vós, faça-se vosso servo. E o que quiser tornar-se entre vós o primeiro, faça-se vosso escravo. Assim como o Filho do Homem veio, não para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por uma multidão (Mt 20, 20-28).*

“Servir e dar a vida”: é um autorretrato de Cristo. E Jesus quer que seja o nosso retrato. Vamos perguntar-nos, por isso: Eu tenho esse *espírito de serviço* que Cristo pede aos seus discípulos?

Para servir, servir

Durante os anos dos meus estudos em Roma, antes da ordenação sacerdotal, todos os dias via, na sala de estar, um abajur com os seguintes dizeres inscritos na cúpula: “Para servir, servir”. Era um apelo: um duplo apelo, pois recordava os dois sentidos da palavra “servir”.

- Primeiro sentido: É preciso “servir”, no sentido em que se fala de uma lâmpada “serve” para iluminar, ou de um remédio que serve para curar uma doença. Isto é, para poder servir é preciso ter condições, serventia, deve-se “prestar” para um determinado fim.

Será que nós “prestamos”? Se me pergunta para quê, lhe responderei com palavras de São Paulo: *Enquanto temos tempo, façamos o bem a todos (Gl 6,10).*

Na prática, isso significa que precisamos preparar-nos: dedicar o esforço e o tempo oportunos para aprimorar cada vez mais as condições pessoais de fazer o bem a todos os que Deus colocou perto de nós. Vejamos alguns exemplos.

— Há pais e mães que não “prestam” como deveriam, porque não se prepararam para educar os filhos, nem do ponto de vista humano (formar nas virtudes humanas, procurar uma orientação pedagógica familiar) , nem do ponto de vista espiritual. Só improvisam, com muito boa vontade e um triste despreparo educativo.

— Há mestres que não “prestam” como deveriam, porque só transmitem segmentos de ciência especializada, e não cumprem o dever de formar os alunos, visando, além dos conhecimentos específicos, formar homens e mulheres preparados para enfrentar a vida, dando-lhe um sentido, e para ser úteis aos demais.

— Há profissionais mal formados, ou estagnados na profissão, que não “prestam” o serviço que deveriam, pois, pela sua rotina e mediocridade, não trabalham bem e não são capazes de fazer deslanchar as capacidades profissionais dos outros.

— Há cristãos muito bonzinhos que “não prestam”, porque nunca se formaram como deviam (era seu dever!), não sabem nem o catecismo da primeira comunhão; têm uma carência deplorável de doutrina sobre as questões fundamentais da fé e da moral; e falta-lhes o critério cristão indispensável para encarar os problemas éticos individuais, familiares e sociais de atualidade.

— Há inúmeros noivos que vão ao casamento despreparados, porque não conhecem a diferença entre as emoções voláteis e o autêntico amor. Nunca pensaram que o casamento é uma vocação grande (cf. *Ef* 5,32) e uma missão divina, e ignoram o tesouro de graça que é o Sacramento do Matrimônio, em confronto com a fragilidade da união livre e do casamento civil.

Depois desses exemplos, penso que temos alguns elementos de juízo para tomar a resolução de nos prepararmos para “prestar”.

● Segundo sentido: Não basta estarmos preparados – como acabamos de comentar –, mas é preciso ter “espírito de serviço”, ou seja, ter a disposição de sacrificar-nos para prestar serviços aos demais.

Será que já percebemos a enorme capacidade *inativa* de servir que nós temos? Precisamos lutar para torná-la capacidade *ativa*: com a família, com os colegas e amigos, com os conhecidos e desconhecidos. Só o “trivial cotidiano”, o dia-a-dia, abre um bom leque de possibilidades de serviço. Lembremos algumas:

— Pôr ordem nas coisas materiais, colaborar em pequenas tarefas domésticas, prontificar-nos a fazer compras na farmácia ou no supermercado, atender à porta, desligar uma luz que ficou acesa; ajudar no estudo de um filho, em vez de cochilar defronte à tv¹²; dar uma mão a um colega de trabalho ou sugerir-lhe uma dica útil; falar a sério e não formalmente, quando dizemos: “pode deixar”, “conte comigo”, “vamos lá”...

— Também poderíamos tratar dos pormenores que incentivam e ajudam a criar no lar um ambiente simples, autêntico, de oração, de piedade cristã. Mas deixaremos agora esse ponto, porque será tratado em outro capítulo.

Qualidades de um bom serviço

Sintetizando, poderíamos resumi-las em três:

— Primeira: *Servir com alegria*, como diz o Salmo 100,2. Quem é que agradece um serviço forçado, prestado de mau humor e com cara fechada? Seria como jogar um pedaço de carne podre a um mendigo faminto. «Sorrir – diz Guimarães Rosa – é também uma humildade», e é certamente um ato de amor.

São Josemaria expressava bem esse ideal: « Oxalá saibas – todos os dias e com generosidade – sacrificar-te alegre e discretamente para servir e para tornar agradável a vida aos outros. – Este modo de proceder é verdadeira caridade de Jesus Cristo» (*Sulco*, n. 150).

— Segunda: *Servir com elegância*. Sem dar importância, sem exhibir nem cobrar o serviço prestado. É o que fez Nossa Senhora quando visitou Santa Isabel para ajudá-la nos últimos meses de gravidez; e é o que Cristo nos ensina, quando pede que depois de termos *feito tudo*, digamos para nós mesmos: *Não fiz mais do que devia fazer* (cf. *Lc 17,10*).

Também São Josemaria tem, a esse respeito, palavras muito belas: «Procura prestar a tua ajuda sem que os outros o notem, sem que te louvem, sem que ninguém te veja..., para que, passando oculto, como o sal, condimentes os ambientes em que te desenvolves; e contribuas para conseguir que – pelo teu sentido cristão – tudo seja natural, amável e saboroso» (*Forja*, n. 942).

— Terceira: *Adiantar-nos a servir*. «Amar é adivinhar», dizia o escritor francês Ernest Hello. Oxalá saibamos captar o que os outros precisam, ou o que esperam, ou o que os pode tornar um pouco mais felizes. Ou seja, oxalá tenhamos iniciativas, sem que precisem estar a pedir-nos nada ou a puxar por nós. É o que fez Nossa Senhora quando, sem que

¹² Cf. o livro *A paz na família*, Quadrante, 2ª edição, São Paulo 1999

ninguém lhe pedisse nada, tomou rapidamente a iniciativa de viajar para ajudar sua prima Isabel, ao saber que ela, já com bastante idade, estava esperando um filho (cf. *Lc 1,39 ss.*).

O Papa Francisco, na Missa da Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro, glosou o Salmo recém recitado por um leitor: *Cantai ao Senhor um canto novo* (Sl 95,1), e comentou que esse cântico «é o canto da nossa vida, é deixar que a nossa vida se identifique com a vida de Jesus... E a vida de Jesus é uma vida *para os demais*» (Homilia, 28/7/2013).

Servir é viver para os demais. Esse espírito de serviço é um dos grandes segredos da felicidade que Cristo nos ensina.

8. A GENEROSIDADE

Coração no poço ou na mão?

Vamos refletir sobre a *generosidade*, uma das virtudes que mais contribuem para “tornar a vida amável” aos outros, e que tem duas definições: a técnica: «É a virtude daquele que se dispõem a sacrificar os seus próprios interesses em benefício dos outros»; e a de Cristo: «*Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos*» (*Jn 15, 13*).

Falar da generosidade é muito bonito, mas praticá-la não é fácil. Para isso, é preciso vencer a tendência egoísta de viver voltados para nós mesmos, mergulhados no poço do “eu”, onde o amor se afoga.

Vamos tentar sair desse poço. Mas não esqueçamos que, para alcançarmos um espírito de doação como o de Jesus, ou seja, a disposição de «sacrificar nossos interesses em benefício dos outros» e «dar a vida», é preciso vencer a mesquinhez, a avareza e o calculismo. Para isso, precisamos lutar contra os inimigos da generosidade, que se podem resumir em três perguntas: “Por que eu?” “Por que isso?” “Por que tanto?”.

- Primeiro inimigo: *Por que “eu”?*

Imagino que essa foi a tentação que deve ter sentido aquele menino que ofereceu a Jesus o lanche que a mãe lhe dera – *cinco pães e dois peixes* –, quando viu Jesus preocupado, porque o tinham acompanhado mais de cinco mil pessoas até um lugar afastado, e de repente perceberam que não tinham nada para comer.

Com os pães do menino – cinco pãezinhos de cevada mais dois peixes –, Jesus fez o milagre da multiplicação, alimentou a multidão e ainda sobraram doze cestos. (Jn 6,5-13).

Não duvido que, antes de oferecer o seu farnel, o garoto deve ter tido que lutar intimamente. Ele ouviu Jesus pedir aos apóstolos que dessem de comer àquela gente; escutou o cálculo rápido que Filipe fez: *Duzentos denários de pão não bastariam para dar um pedacinho a cada um*, e se lembrou de que essa quantia era o salário de um operário por nada menos que duzentos dias de trabalho. Então, pode ter pensado: – “Por que eu tenho que me desprender disso? De que vai servir? Que perguntem aos outros se têm alguma coisa. Melhor será ao menos eu aproveitar...”

Essa é a tentação que também nós experimentamos com frequência, cheia da lógica impecável do egoísmo. Acontece que o gesto generoso e aparentemente “inútil” do menino tocou fundo o coração de Cristo e foi a ocasião do milagre da multiplicação dos pães, portanto, de um bem para muitos.

Vamos pensar com calma. Quantas vezes já perguntamos – com palavras ou sem elas – “Por que eu?”. E achamos natural. Temos que aprender do garoto a vencer essa mesquinhez e mudar a pergunta: “Por que não eu?”. Vejamos alguns exemplos:

- Por que não sou eu quem ajuda a esposa ou a mãe nas coisas da casa?
- Por que não sou eu quem se esforça por sorrir quando o ambiente de casa está carregado e eu acho que a culpa é de outros?
- Por que não sou eu quem arruma a cama todos os dias, sendo que sou eu quem a usa?
- Por que não sou eu quem se prontifica a ficar num domingo, acompanhando um familiar doente ou convalescente?
- Por que não sou eu quem reserva tempo para ajudar um colega no trabalho ou no estudo, reduzindo o tempo que perco na internet e nas redes sociais?
- Por que não sou eu quem se oferece quando, em qualquer situação, precisam de um voluntário?
- Por que não sou eu o primeiro a perdoar ou a pedir perdão, mesmo que ache que tenho razões para ficar magoado?
- Por que não dou eu essa esmola, subvenção ou donativo, mesmo sabendo que isso não resolverá senão uma mínima parte da pobreza geral?

Reaja a essas perguntas. Mas não se esqueça de que, se tiver um arranço de generosidade, logo vai aparecer o eterno vermezinho que rói por dentro e diz: – “Não seja bobo. Que adianta isso? Outros são os culpados. Outros são os responsáveis. Será que sempre vai ser você a pagar o pato?”

Se isso passa por sua cabeça, escute a voz de Cristo que lhe diz: «Eu dei a vida por você. Você acha que adiantou? Aparentemente era tudo perda, mas graças a isso você e bilhões de almas podem esperar e obter a alegria aqui e, depois, na vida eterna. Todos os dias eu preciso dos “teus” cinco pães, para derramar graças e fazer maravilhas».

- Segundo inimigo: *Por que “isso”?*

Essa tentação – “por que isso?” – deve tê-la sentido, ao menos por uns instantes, aquela pobre viúva de que também fala o Evangelho, e que fez vibrar de alegria o coração de Jesus (cf. *Mc* 12,41-44).

O Senhor estava defronte ao cofre das esmolas do templo de Jerusalém, observando os doadores. Viu muitos ricos depositando boas quantias. Atrás deles, *chegando uma pobre viúva, lançou duas pequenas moedas, no valor de apenas um quadrante* [a menor moeda da época]. *Ele chamou os seus discípulos e lhes disse: esta pobre viúva pôs mais do que todos os que lançaram no cofre, porque todos deram do que lhes sobrava; esta, porém, deu, da sua indigência, tudo o que tinha para o seu sustento.*

Gosto muito da reflexão que faz Pierre Charles sobre essa cena¹³. Ele imagina a viúva dando a primeira moeda. Sobra-lhe apenas uma, tudo o que resta. Durante dois segundos sente uma hesitação: “Dou a outra também? Darei ‘isso’?” Mas vence nela o amor a Deus, a fé na Providência. Expulsando a hesitação, a segunda moedinha tilinta dentro do cofre... e do coração de Jesus.

Quais são as nossas segundas moedas? Vamos fazer um pequeno exame de consciência, pautando-nos por quatro palavras do ato penitencial da Missa: «...pensamentos e palavras, atos e omissões».

— *Pensamentos*. A nossa segunda moeda pode ser pensar um pouco mais – todos os dias – em algum pormenor delicado com que possamos tornar mais amável a vida dos outros. Ou uma surpresa agradável. Ou um pequeno ou lembrancinha, que indique que nos lembramos deles. Ou um plano de fim de semana que quebre a monotonia habitual. Ou rezar mais um Pai-nosso ou umas Ave-Marias por aquele que sofre. Tudo isso são segundas moedas.

— *Palavras*. Agradecer mais os pequenos serviços que os outros nos fazem: “Obrigado!”. Fazer perguntas que mostrem nosso interesse pelos incidentes cotidianos dos demais. Louvar com naturalidade um prato bem preparado, uma roupa da esposa ou da

¹³ *A oração de toda a hora*, Ed. Flamboyant 1961, pp. 308 ss.

filha, uma boa nota ou uma atitude responsável de um adolescente. Conversar mais às refeições. Dar prosa amável a um inoportuno... Tudo isso são segundas moedas.

— *Atos*. Ajudar mais a quem precisa, começando por examinar que pequenas ajudas (materiais, morais, espirituais) posso prestar sem dar importância a cada um, em casa, no serviço? Será que não posso dar também um pouco mais de esmola, de ajuda à Igreja e a obras de interesse social? Não poderia cuidar detalhes de ordem, que evitem trabalho aos demais; ou facilitar a entrada de outro carro na rua congestionada... São segundas moedas.

— *Omissões*. Lutar por evitar esquecimentos, e assim poupar trabalho ou preocupações aos outros. Evitar deixar as coisas desarrumadas quando saio de um quarto. Lutar contra a tendência de faltar à pontualidade... Tudo isso são também segundas moedas.

●Terceiro inimigo: *Por que “tanto”?*

Agora vamos dirigir o olhar para uma das Marias do Evangelho, a irmã de Marta e Lázaro, que tantas vezes acolheu Jesus em sua casa de Betânia (Lc 10,38-42).

Poucos dias antes da Paixão, quando já se pressentia o desenlace da Cruz, o Senhor estava à mesa em casa de um tal Simão, em Betânia (Mc 14,3 ss.). *Marta servia e Lázaro era um dos convidados. Tomando Maria uma libra de bálsamo de nardo puro, de grande preço, ungiu os pés de Jesus e enxugou-o com seus cabelos. A casa encheu-se do perfume do bálsamo (Jn 12,1 ss.). São Marcos anota um detalhe: “quebrando” o vaso de alabastro, derramou o perfume.*

Ouviu-se o murmúrio rouco de muitas bocas. A voz que liderava era a de Judas: *Por que esse desperdício? Por que não se vendeu por trezentos denários e não se deu aos pobres? Dizia isso – esclarece São João – não porque se interessasse pelos pobres, mas porque era ladrão e, tendo a bolsa, furtava o que nela se lançava.*

Jesus defendeu-a com carinho: *Guardou esse perfume para o dia da minha sepultura, disse, antecipando assim o que as santas mulheres fariam com seu corpo morto (cf. Mc 16,1). A seguir, usou uma expressão única no Evangelho: Em verdade vos digo: onde quer que for pregado em todo o mundo o Evangelho, será contado para sua memória o que ela fez (Mc 14,9). Não é possível maior elogio. Jesus quis hastear o exemplo dessa mulher como um estandarte aos olhos de todo o mundo até o fim dos séculos.*

Toda essa cena faz pensar na generosidade dos que, correspondendo ao chamado de Deus, quebram o vaso de seus projetos pessoais e de seu futuro, e oferecem a Deus por amor o bálsamo de um coração inteiro, de uma entrega total e incondicionada, como a dos

apóstolos: *Deixaram tudo e o seguiram (Lc 5,11)*. Uma renúncia que abre passagem à grandeza do amor que dedicarão a Deus e, por Ele, a servir aos demais e ajudá-los a encontrar as alegrias de Deus.

Jesus alegra-se com o gesto de Maria, mas outros se irritam e se unem à crítica de Judas: “Que absurdo!” “Que exagero!” “Que fanatismo!” “Renunciar a tudo, abraçar o celibato, dedicar a vida aos outros!” “Fizeram a cabeça deles!” “Isso é lavagem de cérebro!”...

Como é possível que famílias cristãs, pais católicos, amigos da família, e até mesmo pagãos a quem nada importa a Igreja e a religião, se dediquem a botar o grito no céu e a fazer a vida impossível a quem foi generoso para seguir, feliz da vida, uma vocação de entrega? Falta-lhes fé, falta-lhes amor, provavelmente nunca saborearam as maravilhas da generosidade cristã.

Coisa análoga se dá com os casais que, confiando em Deus e por um idealismo consciente e livre, decidem com alegria ter uma família numerosa. Sobre eles caem sempre as críticas, como caíram sobre Maria na ceia em Betânia: “Que loucura!” “Vocês são uns irresponsáveis!” “Pôr mais filhos num mundo como o nosso...!” Como vê, Judas continua a ter voz.

Mas eles, todos aqueles que souberam manter um *coração generoso e bom (Lc 8,15)* e quebrar o vaso, ouvirão a voz de Jesus que lhes diz: *Não temais, pequeno rebanho, porque foi do agrado do vosso Pai dar-vos o Reino (Lc 12,32)*. E : *Alegrai-vos de que os vossos nomes estejam escritos nos céus (Lc 10,20)*.

9. O OTIMISMO

Verdadeiros e falsos realismos

Uma das coisas menos agradáveis que há neste mundo é conviver ou trabalhar com uma pessoa pessimista: “Não vai dar!” “Eu não te falei?” “Está vendo?” “Não acredite...” “Todos querem se aproveitar”... A presença do pessimista estende asas de urubu sobre todos os que o cercam.

Mas também não é boa a figura do otimista superficial, comparável à bexiga de festa de aniversário, colorida e efêmera. Diz coisas positivas, lança chavões de ânimo, mas tudo é vazio: “Não ligue para isso...” (quando é um perigo que é preciso enfrentar), “Deixe, vai dar

certo” (como?), “Deus é brasileiro” (sim, Ele abençoa sem dúvida o Brasil, mas nunca abençoa a preguiça)... Esse otimismo é um balão furado.

Tanto o pessimista como o falso otimista se julgam realistas. Mas não o são. Só o *otimista cristão* possui o verdadeiro realismo, porque vê as coisas com os olhos de Deus e por isso pode enxergar o “fundo da realidade”.

Bento XVI falou exatamente disso em Aparecida: «O que é o real? São realidade somente os bens materiais, os problemas sociais, econômicos e políticos? Aqui está precisamente o grande erro das tendências dominantes no último século [...]. Falsificam o conceito de realidade com a amputação da realidade fundante e, por isso, decisiva, que é Deus. Quem exclui Deus do seu horizonte falsifica o conceito de “realidade” [...]. Só quem reconhece Deus conhece a realidade, e pode responder a ela de modo adequado e realmente humano» (*Discurso ao CELAM, 17/05/2007*).

O autêntico otimismo não é o fruto de técnicas de pensamento positivo, nem da fuga ilusória para um mundo de faz de conta. Como diz São Josemaria, é «consequência necessária da tua fé» (*Caminho*, n. 378). Vale a pena meditar sobre três certezas, três pilares, que a fé coloca como bases firmes do otimismo.

- Primeira certeza: *Deus não está longe de nós*

— Isso dizia São Paulo em Atenas, quando discursou no Areópago: *Deus não se encontra longe de cada um de nós. É nele, realmente, que vivemos, nos movemos e existimos* (*At 17,27-28*).

Sem essa certeza da fé, estamos condenados à desorientação, à insegurança e ao desamparo. A quantos não se podem aplicar estas palavras de *Caminho*: «Vivemos como se o Senhor estivesse lá longe, onde brilham as estrelas, e não consideramos que também está sempre ao nosso lado. — E está como um Pai amoroso — quer mais a cada um de nós do que todas as mães do mundo podem querer a seus filhos —, ajudando-nos, inspirando-nos, abençoando... e perdando» (n. 267).

Foi Jesus quem nos revelou esta “realidade”, que é um ponto essencial da sua mensagem salvadora: Deus é Pai, ele nos vê, ele nos ama, cuida de nós, levanta-nos quando caímos, alegra-se com nosso bem ... (cf. *Mt 6,25 ss; Lc 12,28.32 e 15,1 ss; Jn 3,16 e 16,27 etc.*).

Viver como se Deus não existisse é uma cegueira dramática; é termos o Amor junto de nós, dentro de nós (cf. *Gl 2,20*), e não percebê-lo. Chega a ser trágico o que aconteceu com as primeiras aparições de Cristo ressuscitado, quando os olhos dos

discípulos ainda estavam *como que vendados* (Lc 24,16). Choravam o Cristo morto ao mesmo tempo que estavam falando, sem reparar, com o Cristo vivo.

Madalena pergunta a Jesus: *Se tu o levaste* (o corpo do Senhor), *dize-me onde o puseste e eu o irei buscar* (Jn 20,15). Os discípulos de Emaús dialogam com Ele no caminho, e dão-lhe a “notícia” triste de que Jesus morreu (Lc 24, 13 ss.). No último encontro do Senhor ressuscitado com vários de seus discípulos, que voltam de uma pesca infrutífera, Jesus os chama da praia, fala com eles, *mas os discípulos não o reconheceram* (Jn 21, 4). Quantas vezes não aconteceram conosco coisas parecidas, pela nossa falta de fé?

— Outra certeza realista. Deus – o Amor que está conosco (cf. 1 Jn 4,8) –, não permanece inativo. O Amor jamais fica parado nem distraído...ainda que às vezes pensemos que sim.

Somos como crianças que só se sentem queridas quando os pais lhes fazem as vontades, e não compreendemos como é que age o Amor. O segredo do modo de agir de Deus está nestas palavras de São Paulo: *Deus faz concorrer todas as coisas para o bem daqueles que o amam* (Rm 8,28). Amar é querer o bem da pessoa amada. Isso é o que Deus faz, mesmo quando não o entendemos. Quando começamos a compreendê-lo, deixamos de ser pessimistas.

Da nossa parte, basta querer amar, procurar amar a Deus e aos irmãos sinceramente em qualquer situação da vida (em todas se pode amar!), e então Deus encaminha tudo para o nosso verdadeiro bem, e brota em nós a alegria. Você não conheceu almas de fé radiante, enamoradas de Deus, que sorriam serenamente na doença, nas piores adversidades, no sofrimento, em face da morte? Eu agradeço a Deus ter conhecido um bom número dessas almas, e digo-lhe que não há no mundo ninguém que seja mais “realista” do que elas.

São Paulo tinha esse santo realismo. *Quem nos separará – dizia – do amor de Cristo? A tribulação? A angústia? A perseguição? A fome? A nudez? O Perigo? A espada? ... Mas em todas estas coisas somos mais que vencedores por aquele que nos amou... Pois estou persuadido de que nem a morte, nem a vida..., nem as alturas nem os abismos, nem outra qualquer criatura poderá separar-nos do amor de Deus que está em Cristo Jesus* (Rm 8, 35-39).

● Segunda certeza: *Com Deus sempre somos capazes de amar*

Queixamo-nos, atormentados, porque não temos isso ou aquilo, porque não o conseguimos. E não percebemos que, ainda que conquistemos o mundo inteiro, *se não temos amor, nada disso nos aproveita* (cf. 1 Cor 13,3).

Não se esqueça de que, além da certeza de que Deus nos ama, a coisa mais maravilhosa que a fé nos oferece é a convicção de que, aconteça o que acontecer na nossa vida, sempre podemos manter fabulosa capacidade de amar, que nada nem ninguém pode nos tirar. Isso significa que, haja o que houver – por mais terrível que nos pareça –, sempre poderemos ser felizes, pois a alegria, como gostava de dizer Santo Tomás de Aquino, não é outra coisa que a irradiação do amor. Movidos pela fé e o amor, sempre «entramos na torrente de alegria» do Evangelho, de que fala o Papa Francisco (Enc. *Evangelii gaudium*, n. 5).

Quando as dores físicas ou morais –os desgostos, as decepções, os fracassos, o tédio, a solidão, a depressão...- nos acabrunham, a voz cálida de Cristo crucificado convida-nos a ser generosos e a subir um degrau na escada do amor: a crescer na mansidão, na bondade e na grandeza de alma; a aumentar a confiança em Deus; a ser mais desprendidos dos êxitos, do bem-estar e das posses materiais; sobretudo, a meter-nos mais decididamente no coração de Cristo, com desejos inflamados de corresponder, de desagrává-lo, de imitá-lo, de nos unirmos ao seu Sacrifício redentor. Todas essas virtudes fazem grande e feliz a alma cristã¹⁴.

- Terceira certeza: *Deus sempre confia em nós*

Todos conhecemos a história das negações de Pedro, durante a Paixão (cf. *Lc 22, 54-62*). Por medo e precipitação negou conhecer Jesus, renegou dele três vezes, lançando imprecisões. Ao se dar conta do que havia feito, chorou amargamente, e certamente deve ter se sentido indigno para sempre da confiança que Jesus havia depositado nele quando lhe disse: *Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja (Mt 16,18)*.

Passaram-se os dias. Jesus, já ressuscitado, iniciou – à beira do lago de Genesaré – um diálogo cheio de afeto com Pedro: *“Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes?” Respondeu ele: “Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo”. Disse-lhe Jesus: “Apascenta os meus cordeiros”. A pergunta repetiu-se mais duas vezes. Pedro sentiu dor e vergonha perante a confiança de Jesus e, com lágrimas nos olhos, respondeu: “Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que eu te amo. E, mais uma vez, Jesus reafirmou a sua confiança nele: confirmou-lhe que queria contar com ele como pastor de todo o seu rebanho e cabeça visível da sua Igreja: “Apascenta as minhas ovelhas!” (Jn 21,15-17)*.

Jesus não nos “desclassifica”, apesar das nossas misérias, traições e pecados. Se nos arrependermos e não fugirmos dele, se confessarmos nossos pecados e renovarmos o propósito de amá-lo, Ele nos dirá, como a Pedro: “Eu confio em você. Apesar das

¹⁴ Ver o livro *A sabedoria da Cruz*, Ed. Quadrante 2001, p. 43

barbaridades que já cometeu, você, com a ajuda da graça, vai se tornar capaz de amar mais do que ninguém, e será santo e feliz”.

A esperança não desilude

Acabamos de considerar os três pilares da fé que alicerçam o otimismo cristão: — “Deus não está longe de nós”; — “Com Deus sempre somos capazes de amar”; — “Deus sempre confia em nós”.

Sobre esses três pilares, o otimismo sussurra-nos ao coração: “Deus espera muito de ti, por mais que a tua vida passada tenha sido um desastre. Não fiques apontando baixo. Não coloques metas medíocres na tua vida cristã, na tua vida de intimidade com Deus, na tua oração, no teu apostolado, na tua dedicação ao bem material e espiritual dos teus irmãos. Sê audaz. Aponta muito alto, pois é aí, nas alturas, que Cristo – que te perdoou e voltará sempre a perdoar-te se te arrependeres –, te espera”¹⁵.

Sim. É assim mesmo. Com Cristo, o otimismo ilumina-se por dentro, muda de nome e se chama esperança.

10. A PACIÊNCIA

Amor e paciência

Santo Tomás de Aquino, com muito poucas palavras, diz uma grande verdade: «Só o amor é causa da paciência» (*Suma teológica*, 2-2,q. 136,3).

O santo doutor tem presente o que escrevia São Paulo: *A caridade* – ou seja, o amor cristão – *é paciente* (1Cor 13,4). Talvez você se lembre de que o Apóstolo, nesse capítulo treze da primeira carta aos Coríntios, enumera as qualidades do *amor ao próximo*, e menciona em primeiro lugar a paciência.

Isso ajuda-nos a compreender a importância da paciência no convívio. Sem ela, as outras manifestações do amor ao próximo podem ficar seriamente prejudicadas.

Imagine um pai muito sacrificado, trabalhador de qualidade, amante do lar e da vida em família, responsável pela formação espiritual e profissional dos filhos, mas que carece de

¹⁵ Ver o livro *Cristo, minha esperança*, Ed. Quadrante 2003, pp. 55 ss

paciência: é nervoso e impaciente, recrimina os atrasos, não tolera demoras, não sabe aguentar um filho que fala mais alto, ou que esquece as coisas, ou desobedece; não tolera que o contradigam e corrige agressivamente. Essa sua impaciência acaba jogando fumaça sobre o seu amor e, em boa parte, o estraga.

Nunca ouviu comentários como estes: “Minha mulher é uma santa, nada a reclamar, trabalha, cuida de tudo, não se poupa, é uma mãe solícita, é econômica..., mas tem um gênio muito difícil de aguentar; chega a esgotar a paciência, há horas em que preferiria não voltar a casa, para não ter que ouvir resmungos, queixas e recriminações...”.

O belo amor

Acabo de falar de um pai e uma mãe que têm amor, mas que são difíceis de suportar, porque são impacientes. Então, onde fica o que dizíamos do amor que é “causa da paciência?”.

É muito simples. O amor é como o fogo de uma lareira. A lareira está acesa, mas pode acontecer que a lenha, mesmo crepitando em chamas, esteja ardendo mal, e lance fumaça que irrita o nariz, a garganta e os olhos.

De modo análogo, há pessoas boas, que têm acesa, sem dúvida, a chama do amor aos outros, mas que precisam de melhorar muito a qualidade da lenha (do coração e das virtudes) e da combustão (dos sentimentos), para que seu afeto se manifeste de modo amável e acolhedor. Que dizer da qualidade do um amor que... dá vontade de fugir? Pois bem, assim – insisto – é o amor sem paciência. Mães e pais, companheiros de trabalho que se julgam bons amigos, deveriam pensar nessas coisas, levar a mão à consciência, e decidir-se a mudar.

Uma oração da Igreja chama à Virgem Maria *Mãe do belo amor*. Nós temos que amar o próximo, e sobretudo ao “nosso próximo de cada dia”, com “belo amor”. O belo amor é o que não se limita a “querer bem” às pessoas, mas lhes “faz bem”, porque é amável, compreensivo e *paciente*, mesmo quando – para o bem deles – seja preciso dizer verdades duras, evitar concessões moles e tomar atitudes enérgicas.

Essa purificação do amor exige muita *oração* e *luta*, um contínuo esforço. Não é impossível mudar. Depende de ganharmos, com a ajuda de Deus, a convicção de que “devemos” ser mais pacientes (sem a desculpa esfarrapada de que “eu sou assim”, “este é meu gênio”), de decidir-nos a sê-lo e de dar cada dia um passo, por pequeno que seja, rumo à paciência.

O papa São Gregório Magno (século VI) dizia: «Como poderá levantar-se entre nós o edifício da caridade se o amor mútuo não nos une na paciência»? (*Homilia sobre Ezequiel*).

O amor que se esforça

Não é preciso insistir – pois o sabemos bem – no fato de que todos nós temos defeitos. O difícil é reconhecer quais são esses defeitos, especialmente os que – por nossa culpa – aborrecem e irritam os demais.

Que devemos fazer para vencê-los? Reconhecê-los com humildade – coisa mais fácil com a ajuda de um diretor espiritual –, e lutar, insisto, com as armas da oração e da mortificação:

- Oração. Orar mais.

Sempre, como repetia São Josemaria Escrivá com toda a tradição da Igreja, «a oração deve preceder, acompanhar e seguir todos os nossos esforços». Você já pediu a Deus mais paciência? Pediu-lhe compreender mais os outros, que é um passo prévio para chegar à paciência? Pediu a graça de vencer as suas reações de impaciência: as palavras ásperas, os gestos de desaprovação, as recriminações, os gestos de irritação ou de fastio?

Já escolheu alguma jaculatória que possa repetir com fé durante o dia, como: “Jesus, manso e humilde de coração, fazei o meu coração semelhante ao vosso”, ou “Rainha da paz, rogai por nós”?

- Mortificações habituais.

Sintetizando conselhos dados em outra publicação¹⁶, vou sugerir algumas:

- Fazer o esforço de escutar pacientemente a todos, sem deixar que se apague o sorriso dos lábios;
- Não andar comentando a toda a hora as nossas gripes, as nossas dores de cabeça ou de fígado nem, em geral, qualquer outro tipo de mal-estar pessoal; evitar também queixar-nos do calor ou do frio, do abafamento do local, do tempo que levamos sem comer nada...;
- Renunciar a utilizar expressões humilhantes, como “Você sempre faz isso!”, “De novo”, “Já é a terceira vez!”, “Já estou cansado”, etc.;
- Evitar *cobranças* insistentes e antipáticas, e prontificar-nos a ajudar os outros quando eles, honestamente, não conseguem fazer as coisas no prazo certo;

¹⁶ cf. o livro *A paciência*, publicado pela Ed. Quadrante

- Não implicar com pequenos maus hábitos ou cacoetes dos outros, mas deixá-los passar como quem nem repara neles: mania de bater na cadeira ou de tamborilar com os dedos na mesa, tendência para ler por cima do ombro o jornal que nós estamos lendo, de fazer ruído com a boca, de cantarolar enquanto se lê ou se trabalha...;
- Saber repetir calmamente as nossas explicações a quem não as entende; ter especialmente a paciência, partindo do *bê-á-bá*, para esclarecer o funcionamento de aparelhos eletrônicos àqueles que não têm facilidade de manejá-los;
- Não buzinar irritadamente quando alguém reduz sem avisar a marcha do veículo, nos ultrapassa quase raspando, vira ou estaciona sem dar sinal, etc. É boa mortificação não olhar para a cara do “agressor”, pois assim é mais difícil perder a paciência. Melhor se, passada a primeira reação, invocamos seu Anjo da Guarda e rezamos uma Ave-Maria por ele.

11. A PALAVRA

As nossas palavras de cada dia

Vamos começar esta meditação com duas frases da Bíblia. Uma é do Antigo Testamento, do livro dos Provérbios: *Os lábios do homem bom dão alimento a muitos corações (Pr 10,21)*. A outra, do Novo, é um conselho de São Paulo aos colossenses: *Que as vossas conversas sejam sempre amáveis, temperadas com sal, e sabeis responder a cada um oportunamente (Cl 4, 6)*.

Todos os dias dizemos palavras, mais ou menos. Todos os dias nos comunicamos, pelo menos um pouco, com outros. Que lhes trazem as nossas conversas? Mel ou fel?

Estamos meditando sobre “tornar a vida amável”. Vamos pensar aqui no que fazer para que as nossas palavras levem ao próximo mais mel do que fel, e correspondam ao que diz o livro dos Provérbios: *As palavras agradáveis são como um favo de mel, doçura para a alma (Pr 16,24)*.

Vejamos vários tipos de “boas palavras”, que transmitem vida, ajuda e alegria aos demais.

Mostruário de palavras amáveis

- *Palavras de interesse.*

As nossas palavras sempre mostram o coração. Como dizia Jesus, *a boca fala daquilo de que o coração está cheio* (Lc 6, 45). Se valorizamos os outros, se – como cristãos que desejam viver de amor – queremos bem os demais, isso vai se notar:

– no modo de cumprimentá-los, não formal, nem com um sorriso forçado, mas com olhar e gestos afetuosos e interessados.

– no que lhes perguntamos, pois isso manifesta que as coisas deles nos interessam: família, trabalho, saúde ...

– no respeito com que ouvimos atentamente as suas opiniões, mesmo que diverjam das nossas.

– no acompanhamento frequente de situações difíceis e dolorosas, manifestando interesse sobre o modo em que evoluem, e oferecendo orações e o auxílio cabível.

- *Palavras de afeto.*

Palavras afetuosas ditas sem exagero, com naturalidade sincera, sem gestos exagerados e com substância do amor. Sempre lembrarei as lágrimas de uma mulher que sentiu seu coração partir-se, no dia em que o marido, após muitos anos, começou a cumprimentá-la friamente, sem o diminutivo carinhoso que antes lhe era habitual.

Convença-se de que não há nenhuma situação, agradável ou constrangedora, em que não possamos fazer surgir *do bom tesouro do coração* (Lc 6, 45) uma palavra afável, confortadora e construtiva¹⁷.

- *Palavras de desculpa*

Pode haver carinho mais autêntico que pedir perdão com uma sinceridade tocante? Na vida, não só a educação, mas o coração, deveria mover-nos a pedir desculpas – sem comédias nem dramas – por cada um dos nossos erros, esquecimentos e indelicadezas. “Desculpe, por favor, esqueci”, “Falei o que não devia”, “Sinto muito”, “Foi erro meu”, etc.

- *Palavras de estímulo.*

Que falta nos fazem! Muitas pessoas que se querem bem não percebem quando um filho, o marido ou a mulher, um colega, um empregado, precisam de uma palavra de ânimo,

¹⁷ Ver o livro *A Língua*, 2ª ed. Editora Quadrante, São Paulo 1996

de incentivo. Não uma frase feita, mas um verdadeiro estímulo que, se vier do coração, chegará ao outro coração.

Imagine como deve ter reagido a mulher adúltera, já a ponto de ser apedrejada – porque diziam: *Moisés mandou na lei apedrejar tais mulheres (Jn 8,5)* –, quando Jesus, após afugentar, envergonhados, os que tinham as pedras nas mãos, disse-lhe, olhando-a com confiança: *Eu não te condeno. Vai e não tornes a pecar (Jn 8, 11)*, confio em que de agora em diante viverás honestamente!

E Zaqueu? Aquele publicano pouco honesto, desprezado, que inesperadamente vê Jesus que se dirige a ele, ao avistá-lo encarapitado numa figueira, e lhe diz (para escândalo dos “fariseus”): *Zaqueu, desce depressa, porque é preciso que eu fique hoje em tua casa (Lc 19, 5)*. Essa confiança de Jesus fez Zaqueu converter-se e mudar de vida.

- *Palavras de gratidão.*

A pessoa que recebe reconhecimento, gratidão, fica bem disposta, e é mais fácil que nela despertem desejos de ser melhor.

Nós não devemos ir atrás de reconhecimento e recompensa quando cumprimos o dever ou fazemos o bem, como ensina Jesus (cf. *Mt 6,1*). Mas o amor nos deve levar a agradecer todo bem que recebemos de Deus e dos outros. Jesus ficou triste quando percebeu que, dos dez leprosos que curou, só um tinha voltado para lhe dar graças (*Lc 17, 17-18*).

«*Obrigado* – diz Chevrot – é uma pequena palavra alegre, é a palavra mágica que introduz no lar a delicadeza, a boa ordem e a serenidade» (*As pequenas virtudes do lar*, p. 22).

- *Palavras dignas.*

Às vezes, parece que a linguagem, nos diversos ambientes, está se deteriorando depressa, não só pela pobreza gramatical, mas sobretudo pela admissão massiva da grosseria e da fala chula. É como se muitos achassem bonita uma cultura de chiqueiro e lupanar.

Todos concordamos em que as palavras atenciosas e delicadas – sem artifício nem barroquismo – criam um clima amável e dão alegria ao convívio. Quando as palavras despencam na baixeza, também se deteriora o trato mútuo, e afunda o sentido moral e a fineza da consciência.

- *Negativas amáveis.*

Há pessoas que não sabem dizer não, e assim complicam a vida própria e a alheia. Porque às vezes é *necessário* dizer não. Além da negativa enérgica perante o que ofende a Deus e mancha a consciência, há outras negativas necessárias em relação a coisas boas em si mesmas, mas que – tendo em conta o tempo e as circunstâncias do momento – podem causar uma desordem, um abandono do dever ou um prejuízo a outros.

É o caso, por exemplo, de convites ou compromissos – mesmo relativos a matérias boas e até religiosas – que, se aceitos, impediriam de cumprir devidamente deveres familiares ou profissionais *importantes*. É expressivo um velho ditado hispânico: «A mulher que pela Igreja deixa a panela queimar, tem a metade de anjo, do diabo a outra metade». É claro que isso não pode ser alegado como desculpa esfarrapada para fugir de tarefas apostólicas ou caritativas que, se tivéssemos mais ordem e espírito de sacrifício, seriam perfeitamente compatíveis com os demais deveres.

O importante é saber dizer não de modo amável. Lembro o caso daquele padre octogenário, meu amigo, que quando uma pessoa ia pedir-lhe confissão na hora exata em que já se encaminhava paramentado para o altar a fim de rezar a Missa, não respondia asperamente. Sorria e dizia, em tom afetuoso: “Claro! Com todo o prazer! Veja. Agorinha estou indo rezar a Missa, mas logo, logo, ao terminar, vou atender com todo prazer a senhora nesse confessionário ao lado”.

- *Palavras que trazem Deus.*

São as mais “amáveis”, desde que não se trate de um “sermão” inoportuno. Serão boas e amáveis se brotarem de um afeto conhecido e sentido pela pessoa que ouve, se forem ditas na hora certa e não intempestivamente, e ainda se corresponderem a um exemplo pessoal que cativa. Então, sim, é imensamente amável procurar despertar nos outros – em confiança, a sós – a sede de Deus, o desejo de conhecer a sua Palavra, o propósito de orar, de ler um livro de formação cristão, de participar da Santa Missa e de um grupo de espiritualidade, de procurar um orientador espiritual, etc. Veremos isso com mais detenção em outro capítulo.

- *Palavras sem voz.*

Não estou me referindo aos e-mails, WhatsApps, “torpedos” ou cartas, que afinal são palavras com voz escrita. Refiro-me a outro tipo de linguagem. Quantas coisas podem ser ditas com a expressão facial, com um olhar, um sorriso, um gesto!

Todas essas formas de comunicar-nos, muito vivas, são facas de dois gumes. Podem “dizer” coisas horríveis (de ódio, de desprezo, de nojo, de repúdio) ou coisas amáveis (de amor, de pena, de serenidade, etc.).

Vale a pena pensar numa dessas formas de linguagem sem palavras que, no dizer dos estrangeiros que nos visitam, é caracteristicamente brasileira, graças a Deus: o sorriso aberto. Peça a Deus que o nosso povo não o perca nunca, apesar de que não faltam os que querem promover – ideológica e praticamente – o ódio, a discórdia e as lutas entre irmãos.

Lembre-se sempre do que dizia, e praticava, um santo dos nossos dias – São Josemaria –, que, por sinal, ficou cativado pelo nosso país (não é ufanias, é verdade): «Não esqueças que, às vezes, faz-nos falta ter ao lado caras sorridentes» (*Sulco*, n. 57).

Que olhar amável, que sorriso, que gesto de bondade recebem de você os que o encontram todos os dias?

12. A ALEGRIA

A alegria cristã

Ha umas palavras muito bonitas no livro de Nehemias, que se leem com frequência na Liturgia das Horas: *A alegria do Senhor será a vossa força* (Ne 8,10). Jesus nos fala dessa “alegria do Senhor”, a garante e a potencia infinitamente com a sua Ressurreição e com a graça do Espírito Santo: *Hei de ver-vos outra vez* [quando aparecer ressuscitado], *e o vosso coração se alegrará e ninguém vos tirará a vossa alegria* (Jn 16,23. Cf. Jn 20,20 e Gl 5,22).

A tristeza enfraquece-nos, a nós e aos que nos cercam. Debilita o ânimo, amolece as forças e desperta o mau humor. Uma pessoa triste cria um ambiente soturno. Já dizia, no século II, um dos mais antigos escritores cristãos: «Afasta de ti a tristeza. Não entendes que a tristeza é pior do que qualquer outro estado de ânimo, que é a coisa que mais desanima e que repele o Espírito Santo? Uma pessoa alegre pratica o bem, gosta das coisas boas e agrada a Deus. O triste, pelo contrário, sempre age errado (*Pastor de Hermas*, Mand. 10,1.1; 3.1).

A alegria, antítese da tristeza, enche-nos de vitalidade e levanta o ânimo dos outros. É dinâmica. Pode-se dizer que uma pessoa alegre faz sair o sol em qualquer lugar onde se encontra.

Mas, talvez nos perguntemos: “É possível a alegria como um bem estável da alma, como algo permanente? Não é, na realidade, como um vagalume, uma luzinha efêmera que pisca só de vez em quando e por uns instantes na escuridão?”

Deus nos responde que não.

— Lembremos as palavras já citadas de Jesus na Última Ceia: *Vós, sem dúvida, agora estais tristes. Mas hei de ver-vos outra vez, e o vosso coração se alegrará e ninguém vos tirará a vossa alegria (Jn 16,22).*

— Ouçamos o que diz São Paulo aos que acabavam de abraçar a fé cristã: *Nós estamos sempre contentes! (2 Cor 6,10).*

— Escutemos o “mandamento da alegria” de São Paulo aos filipenses: *Alegrai-vos sempre no Senhor. Repito: alegrai-vos! ... O Senhor está próximo. Não vos inquieteis com coisa alguma! (Fl 4,4-6).*

Será possível essa alegria?

Essa é a pergunta que se fazia Bento XVI, ao iniciar, com uma meditação, o Sínodo dos Bispos de 2005. Acabavam de ser lidas, na Liturgia da Hora Terça, as palavras com que Paulo termina sua segunda carta aos Coríntios: *Por fim, irmãos, vivei com alegria..., animai-vos..., vivei em paz. E o Deus do amor e da paz estará convosco (2 Cor 13,11).* Papa fez o seguinte comentário:

«É possível ordenar, mandar desta forma a alegria? A alegria, poderíamos dizer, vem ou não vem, mas não pode ser imposta como um dever. Neste ponto, ajuda-nos a pensar o texto mais conhecido sobre a alegria das cartas paulinas: *Alegrai-vos sempre no Senhor. O Senhor está perto*” [refere-se a Fl 4,4, acima citado]...

»Se a pessoa amada, se o amor, o maior dom da minha vida, estiver próximo de mim, se eu puder ter a certeza de que aquele que me ama – Deus – está perto de mim também nos momentos de tribulação, então poderá manter-se firme no meu coração uma alegria maior do que todos os sofrimentos» (*Meditação, 3/10/2005*).

No mesmo sentido, o Papa Francisco afirma, com a leveza jovial de quem habitualmente está de bom humor: «A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus [...]. O Evangelho, onde resplandece gloriosa a Cruz de Cristo, convida insistentemente à alegria [...] Reconheço que a alegria não se vive da mesma maneira em todas as etapas e circunstâncias da vida, por vezes muito duras. Adapta-se e transforma-se, mas sempre permanece pelo menos como um feixe de luz que nasce da certeza pessoal de que, não obstante as aparências contrárias, somos infinitamente amados» (*Encíclica Evangelii Gaudium* nn. 1.5.6).

Amor e alegria

Deus nos ama. Somos seus *filhos muito amados* (Ef 5,1). Ele está sempre perto de nós. Nós é que podemos afastar-nos dele, e então a tristeza baixa ao coração. Como dizia São Josemaria [não se referia, como é lógico, à tristeza sem culpa, patológica, que procede da depressão]: «A alegria é um bem cristão. Só desaparece com a ofensa a Deus, porque o pecado é fruto do egoísmo e o egoísmo é causa de tristeza» (*É Cristo que passa*, n. 178).

E convidava a fazer um exame profundo: «Não há alegria? – Então pensa: há um obstáculo entre Deus e mim. – Quase sempre acertarás» (*Caminho*, n. 662).

Quer dizer que, para estarmos alegres e alegrar os demais, é preciso que aumente o nosso amor a Deus – a nossa vida de oração, o nosso amor à Eucaristia, a nossa mortificação por amor, a nossa luta pelas virtudes –, e que vençamos o egoísmo, correspondendo generosamente ao amor que o Espírito Santo derrama em nossos corações (cf. Rm 5,5 e Gl 5,22).

O bom humor

Quem tem alegria, tem bom humor. «Onde quer que a alegria esteja ausente, onde quer que desapareça o senso do humor, com certeza ali não estará o espírito de Jesus» (J. Ratzinger, *Princípios teológicos*). Não se trata do humorismo sarcástico, irônico, que agride e humilha os outros. Mas do bom humor amável, que faz bem, como um bálsamo que suaviza as asperezas da vida.

Como andamos de bom humor lá em casa? E no ambiente de trabalho, entre colegas e amigos? E, em geral, com todas as pessoas com quem temos contato, mesmo que seja ocasional. Ficamos de cara fechada, com reações bruscas, queixas, gestos antipáticos e respostas ríspidas? Ou temos uma amabilidade sorridente, como a de Cristo ressuscitado, que só com a sua presença fazia brotar a alegria: *Alegraram-se os discípulos ao ver o Senhor* (Jn 20,20)?

O papa Francisco, usando uma expressão popular, tem repetido que o cristão não pode ter «cara de vinagre». Se tivermos vinagre no coração precisamos limpá-lo e enxugá-lo bem, sobretudo melhorando a nossa oração, como dizia Santo Agostinho e o Papa Bento recordava na sua encíclica sobre a esperança (*Spe salvi*, n. 33).

Quem é que tem vinagre no coração? Aquele que vive como descrevem estas palavras: «Não és feliz porque ficas ruminando tudo como se sempre fosses tu o centro: é

que te dói o estômago, é que te cansas, é que te disseram isto ou aquilo... – Já experimentaste pensar nEle e, por Ele, nos outros? » (*Sulco*, n. 74).

Quem limpa o vinagre? Aquele que descobriu o que se lê em outro pensamento do mesmo livro: «Talvez ontem fosses uma dessas pessoas amarguradas nos seus sonhos, decepcionadas nas suas ambições humanas. Hoje, desde que Ele se meteu na tua vida – obrigado, meu Deus! –, ris e cantas e levas o sorriso, o Amor e a felicidade aonde quer que vás» (n. 81).

As almas cristãs, sobretudo os santos, nos dão exemplos maravilhosos desse bom humor que procede da caridade e da luta espiritual. Não considere os exemplos que vou mencionar a seguir como lendas áureas, dignas de admiração e impossíveis de imitar; mas como mensagens de Deus que batem no seu coração, e lhe dizem: “E você..., como vive a alegria diante nas situações difíceis?”.

Alguns exemplos de santos

— São Filipe Neri, *Pippo il buono*, que muitos veneravam como santo ainda em vida, as vezes “se fazia de louco” com palhaçadas ingênuas e até grotescas, «para sabotar em si – como diz um escritor¹⁸ – a tentação do orgulho, pois o riso, às custas de si mesmo, libera do inchaço da vaidade e atrai alegremente todos para Deus». Como é bom saber rir de si mesmo, sem dar importância aos nossos “méritos”, nem aos nossos “dramas” e “tragédias” cotidianos.

— São Josemaria Escrivá referiu certa vez o que lhe aconteceu quando ainda era um jovem padre. Por causa de uma contrariedade forte, «irritei-me... e depois me irritei por ter-me irritado». Nesse estado de ânimo, indo pelas ruas de Madrid, passou por uma daquelas máquinas que faziam seis fotografias rápidas por quatro tostões, e Deus lhe inspirou uma ideia. Entrou na cabine e tirou as fotografias. Dizia que olhou para elas, e «estava engraçadíssimo com a cara de irritação!». Rasgou cinco fotos e guardou a sexta na carteira durante um certo tempo. «De vez em quando – comentava –, olhava-a para ver a cara de irritação, humilhar-me diante do Senhor e rir-me de mim mesmo: “Por bobo!, dizia para mim”»¹⁹.

— É célebre o impressionante exemplo de humor de São Thomas More, chanceler da Inglaterra, quando ia ser decapitado por ter-se oposto a aderir ao cisma religioso provocado pelo rei Henrique VIII. Quando inclinava a cabeça sobre o talho, olhou para o carrasco e disse-lhe: «Ânimo, rapaz! Não tenhas medo de cumprir o teu dever. O meu pescoço é muito curto. Cuida, pois de não cortá-lo de lado, para que não fique abalado o teu prestígio» E

¹⁸ Carlos Pujol, *La casa de los santos*, Ed. Rialp, Madrid 1991, p. 185

¹⁹ José Luís Soria, *Mestre de bom humor*, Ed. Quadrante, São Paulo 2002, p. 95.

depois acrescentou: «Deixa-me ajeitar a barba, não aconteça que também a cortes. Ela nada tem nada a ver com isso»²⁰.

Um precedente muito antigo de Sir Thomas é o do diácono de Roma São Lourenço, martirizado no ano de 285. Segundo conta Santo Ambrósio, foi queimado a fogo lento, deitado numa grelha. Brincando com os verdugos, disse em certo momento: “Este lado já está assado, podem virar-me para o outro”²¹.

Após refletir sobre esses exemplos – quatro entre muitos – talvez seja bom terminar este capítulo transcrevendo uma oração “para pedir o bom humor” composta por São Thomas More. Diz-se que a rezava todos os dias:

— «Dai-me, Senhor a saúde do corpo e, com ela, o bom senso pra conservá-la o melhor possível. Dai-me, Senhor, uma boa digestão e também algo para digerir. Dai-me uma alma santa, Senhor, que mantenha diante dos meus olhos tudo o que é bom e puro. Dai-me uma alma afastada do tédio e da tristeza, que não conheça os resmungos, as caras fechadas, nem os suspiros melancólicos... E não permitais que essa coisa que se chama o “eu”, e que sempre tende a dilatar-se, me preocupe demasiado. Dai-me, Senhor, o sentido do bom humor. Dai-me a graça de compreender uma piada, uma brincadeira, para conseguir um pouco de felicidade e para dá-la de presente aos outros. Amém».

13. O BOM EXEMPLO

A chuva-criadeira

Você sabe o que é a chuva-criadeira? Se morasse na roça saberia que é a chuva que os lavradores mais agradecem. É aquela chuva fina e continuada, que penetra na terra, e é a ideal para a germinação das sementes, o crescimento das plantas e a futura colheita.

Bem diferentes são as chuvas torrenciais, o granizo, as enxurradas e as inundações que assolam o campo e acabam com a plantação.

Na vida das famílias e, em geral, das diferentes comunidades humanas, existe também uma chuva fina, “criadeira”, que faz o bem penetrar suavemente nos corações e produz os melhores frutos: o *bom exemplo*.

²⁰ A. Vázquez de Prada: *Sir Thomas More*, p. 18

²¹ Carlos Pujol, obra citada, pág. 269

E também existem, infelizmente, tormentas que arrasam. Você já percebeu, com certeza, o mal tremendo que faz aos filhos o mau comportamento dos pais, a infidelidade escancarada, o abuso de álcool, a falta de ética profissional apresentada como esperteza, as brigas e separações, etc. E também a “chuva ácida”, miúda, das contínuas falhas em detalhes da vida cotidiana: de educação, de gentileza, de ordem, de pontualidade, de aproveitamento do tempo, de espírito de colaboração....

Jesus fala do exemplo

Cristo fala-nos do bom e do mau exemplo.

- O bom exemplo: *Vós sois a luz do mundo [...]. Brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus (Mt 5,14.16).*

Ao dizer que a nossa luz deve brilhar, Jesus não pede exibicionismo. Pelo contrário, Ele alerta: *Guardai-vos de fazer as vossas boas obras diante dos homens, para serdes vistos por eles (Mt 6,1)*. Mas pede, sim, que vivamos com autenticidade as virtudes dos filhos de Deus, porque então – mesmo que evitemos qualquer exibição – a luz das virtudes cristãs iluminará e fará o bem: *Não se pode esconder uma cidade situada sobre uma montanha (Mt 5,14)*.

- O mau exemplo: Como dói ao coração de Cristo o mal que fazemos aos outros, especialmente aos mais simples e inocentes, quando lhes damos mau exemplo. Dói-lhe tanto, que arranca dos seus lábios as palavras mais duras: *Ai do mundo por causa dos escândalos! Eles são inevitáveis, mas ai do homem que os causa! [...]. Se alguém fizer cair em pecado um destes pequenos que creem em mim, melhor fora que lhe atassem ao pescoço uma pedra de moinho e o lançassem ao fundo do mar (Mt 18,6.7)*.

Ser luz

Jesus chama-se a si mesmo *luz do mundo*: *Eu sou a luz do mundo; aquele que me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida (Jn 8,12)*.

E, a nós, como acabamos de ver, diz-nos que devemos imitá-lo: *Vós sois a luz do mundo (Mt 5,14)*.

O que faz a luz? Mostra as coisas claramente, não cobertas de neblinas; faz enxergar os caminhos, os degraus das escadas por onde se deve subir, os obstáculos e perigos que é preciso contornar, os horizontes e metas para os quais devemos caminhar.

É assim que faz a pessoa que – quando procura viver como cristão– dá bom exemplo. Um só bom exemplo desperta, orienta e estimula mais do que cem palavras.

O livro do Eclesiástico ou Sirácida fala de dois tipos de pessoas: daqueles que chama *ilustres*, porque *seus gestos de bondade não foram esquecidos*. E dos que *não deixam lembrança nenhuma: desapareceram como se não tivessem existido. Viveram como se não tivessem vivido* (Eclo 44,1.9-10).

Em qual dos dois tipos você se encaixa? Por outras palavras: Você deixa coisas positivas entre as pessoas com as quais convive? Você é luz, é penumbra confusa ou trevas? Você será luz se lutar por ser coerente com a sua fé e se procurar viver na prática diária o ideal do amor cristão. Será penumbra confusa ou até trevas, se junto de uma fé fraca e vazia de conteúdo, tiver uma prática religiosa meramente formal, e detalhes de conduta frontalmente contrário aos valores do Evangelho.

Deus faça que se possa aplicar a cada um de nós o que lemos neste ponto de *Caminho*: «Oxalá fossem tais o teu porte e a tua conversação que todos pudessem dizer, ao ver-te ou ouvir-te falar: “Este lê a vida de Jesus Cristo”» (n. 2).

A verdade ou a onda

Que vejam, diz Jesus. Que, na nossa conduta – nas palavras, ações, teor de vida – os outros possam “ver” e entender a luz cristã da *verdade* e do *bem*, como um farol que assinala o bom rumo da vida, mesmo no meio das tempestades.

Nunca esqueçamos que a raiz dos nossos atos são as convicções. Delas, ou seja, da nossa fé, dos nossos valores morais firmes, da assimilação refletida e convicta da doutrina cristã, depende tudo o que nós – mesmo sem reparar – dizemos, fazemos e somos.

Se nos faltarem esses valores, as atitudes “exemplares” diante dos filhos (ir à Missa para dar exemplo, falar de Deus, dar conselho moral) serão meras “poses”, terão o ranço da falta de autenticidade, e os afastarão. A mesma coisa acontecerá com as outras pessoas que se relacionam mais de perto conosco.

Quando temos uma fé tibia, quando admitimos a incoerência entre fé e conduta, os que nos cercam deixam de ter um “farol” orientador. O mal não consiste só nessa carência. Faltando o referencial dos que deveriam dar exemplo, deixamos os outros a mercê de referenciais falsos e até funestos: ‘que a “onda”, o que todo o mundo faz; o que se acha “atual”, “moderno”, “geral”, “comum”, mesmo que seja um absurdo; o que a mídia incute como conduta normal, ainda que seja uma aberração (infidelidade, libertinagem sexual, hedonismo cru e nu, etc).

Leia sem pressa o texto que cito a seguir, e me diga se não parece escrito hoje: «Uma das causas dos nossos males é que vivemos por imitação dos outros, e em vez de nos governarmos pela razão, deixamo-nos levar por aquilo que é costume. As coisas que não quereríamos imitar se as fizessem poucos, mal começam a fazê-las muitos, nós as seguimos, como se o fato de serem mais frequentes as tornassem mais honoráveis; até mesmo o erro nós o julgamos retidão quando se tornou generalizado».

Quem escreveu isso é um filósofo pagão, Sêneca, morto por ordem do imperador Nero – de quem fora preceptor –, em pleno século primeiro (*Cartas a Lucílio*, Carta 123).

Inspirando-se em outras palavras dele, o pensador francês Gustave Thibon dizia: «A moda é a ditadura do efêmero que se exerce sobre os desertores da eternidade... A folha morta revolteia de um lado para outro. Sua única pátria é o vento que a leva» (*O equilíbrio e a harmonia*, 1978).

A luz amável

Nós todos somos responsáveis por não abandonar aos caprichos do vento os que estimamos. Tudo depende de que nos decidamos a ser cristãos leais à fé e fiéis na conduta. Então, como diz Jesus, *brilhará a nossa luz diante dos homens* (cf. Mt 5,16).

Pense nas “luzes” amáveis que vou mencionar a seguir, a título de simples exemplo, e faça um exame da sua vida. Convença-se de que essas, e outras semelhantes, são as forças “construtivas”, a “chuva-criadeira” de vidas certas, no meio deste mundo de sombras, penumbras e miragens:

— Ser uma pessoa simpática, aberta e feliz, que, no entanto, diz tranquilamente “não” ao que muitos julgam imprescindível para viver: “não” ao consumismo, à vaidade social, ao lucro a qualquer preço, ao status, ao sexo voraz, à liberdade sem limites escravizada pelo prazer...

— Ser uma pessoa alegre, que é mais feliz quanto mais se dá aos outros, com um amor desprendido que não busca compensações.

— Ser um coração que expulsa a mesquinhez, que mostra às claras que não admite as paixões baixas do calculismo, da inveja, da suscetibilidade, do ressentimento e da vingança.

— Ser uma pessoa que, com paz de espírito, sabe aceitar os seus erros, retifica de boa vontade e agradece as correções que recebe.

— Ser um cristão sem beatices, que só pelo exemplo de vida atrai para Deus, desperta o “interesse” pela fé e faz nascer sede de a conhecer mais e de orar mais.

— Ser alguém a quem se possam aplicar as palavras de um apologista cristão anônimo do século segundo: « Os cristãos, de fato, não se distinguem dos outros homens, nem por sua terra, nem por língua ou costumes [...]. Vivendo em cidades gregas e bárbaras, conforme a sorte de cada um, e adaptando-se aos costumes do lugar quanto à roupa, ao alimento e ao resto, *testemunham contudo um modo de vida único e admirável* [...]. Em poucas palavras, *assim como a alma está no corpo, assim estão os cristãos no mundo*» (*Carta a Diogneto*, nn. 5 e 6).

— Ser alguém que, com seu exemplo, nos impele a olhar “para cima” e também “mais longe”, para além dos nossos esquemas mentais e opções rotineiras. Alguém que seja como um estandarte que nos incita a caminhar atrás dele com entusiasmo, e nos faz descobrir estradas novas – mais altas e puras que as comuns do mundo –, estradas que lá no fundo da alma nós já desejávamos trilhar para curar o coração cansado de sábias espertezas, de vazios decepcionantes e de prudentes mediocridades.

— Enfim, o cristão autêntico – pai, mãe, colega, amigo –, faz-nos descobrir com naturalidade o verdadeiro Norte da vida – Cristo! – e para ele nos atrai. Desse cristão, idealista e alegre, irradia sem palavras um apelo que nos sugere: vale a pena viver assim e é possível viver assim; se o fizermos, alcançaremos a plenitude de paz e felicidade com que sempre sonhamos e que ainda não conquistamos ²²

14. A GRATIDÃO

Um coração agradecido

Com certeza você já conheceu algumas pessoas simples, de bom coração, que sabem agradecer sinceramente – sem servilismo nem afetação – tudo o que recebem de bom: “Obrigado, muito obrigado!” “Ótimo!” “Que beleza!” “Que bom que você se lembrou!...”. É uma delícia conviver com elas. Tornam a vida amável. São a antítese do tipo insuportável da pessoa que passa a vida reclamando de tudo.

O coração cristão, quando há nele fé e amor (vale a pena repisar constantemente isso!), tem tudo para estar sempre cheio de gratidão. É tocante comprovar que, no escrito

²² Cf. *O homem bom: reflexões sobre a bondade*, 2ª edição, Ed. Quadrante, São Paulo 2003. Ver também uma exposição mais extensa do tema no livro *A força do exemplo*, Ed. Quadrante, São Paulo 2005.

mais antigo do Novo Testamento, a primeira Carta de São Paulo aos Tessalonicenses (cerca do ano 50 d.C.), o agradecimento aparece como um traço básico do espírito cristão: *Vivei sempre contentes. Orai sem cessar. Em todas as circunstâncias dai graças, porque esta é a vossa respeito a vontade de Deus em Jesus Cristo (1 Ts 5,16-18).*

Repare como é significativo que o ato central do culto cristão muito cedo se tenha chamado “eucaristia”, que em grego significa “ação de graças”. De fato a Santa Missa – a rerepresentação do Sacrifício redentor de Cristo –, foi celebrada desde os tempos mais antigos dentro de uma grande ação de graças. É muito antiga a fórmula do Prefácio ainda hoje usada na Missa: «Na verdade, ó Pai, Deus eterno e todopoderoso, é nosso dever dar-vos graças, é nossa salvação dar-vos glória, em todo tempo e lugar...» (Do *Ordinário da Missa*).

É lógico que seja assim, pois a fé ilumina a vida com dois faróis potentíssimos, já mencionados anteriormente a propósito do otimismo (cap. 9):

— Primeiro: a certeza de que Deus nos ama com loucura (cf. *Jó 13,1 e 16,27*).

— Segundo: a certeza de que Deus faz concorrer tudo – absolutamente tudo – para o bem daqueles que o amam (cf. *Rm 8,28*). Convencido intimamente disso, por fé e impressionante experiência pessoal, São Josemaria escrevia: «Dá-lhe graças por tudo, porque tudo é bom» (*Caminho*, n. 268).

Faz tempo, ouvi o comentário sugestivo de um rapaz, que me pareceu uma boa definição do cristão: “O cristão é um *contente agradecido*”. Poderia ter acrescentado, com razão, que um contente agradecido com Deus é quase sempre um “contente agradecido” com o próximo.

Detenhamo-nos nessa segunda dimensão da gratidão – gratidão com o próximo – e lembremos que exige *duas atitudes fundamentais*.

Atitudes fundamentais

● Primeira: *Reconhecer*

Só é “reconhecido” – sinônimo de agradecido – aquele que “vê”. Isso não é fácil. Lembre-se de que Cristo diz que há duas maneiras de olhar:

— *Felizes os olhos que veem o que vós vedes!* (*Lc 10,23*). É a alegria de descobrir com os olhos de Deus as maravilhas da vida e das pessoas.

— *Olhareis com vossos olhos e não vereis (Mt 13,14)*. É a cerração amarga dos que não sabem, não podem ou não querem ver, cegados pelas suas misérias.

Você sabe por que, com frequência, somos tão pouco agradecidos? Simplesmente porque não enxergamos nem o “óbvio ululante” –como diria Nelson Rodrigues –, aquilo que temos diante do nariz.

Ver, *reconhecer*, não é fácil. Há pessoas que, durante anos e anos, vivem sem se darem conta dos benefícios que recebem diariamente daqueles que têm mais perto de si. Não são capazes de valorizar, por exemplo, a bênção que é para eles o carinho e a dedicação dos pais, ou – no caso dos esposos – o sacrifício constante, até mesmo heroico, da esposa ou do marido. Vivem como toupeiras, usufruindo da bondade e da generosidade alheia sem se aperceberem disso; e, o que é pior, tratando os outros asperamente e reclamando a toda a hora, sem lhes retribuir o carinho²³.

Curar a cegueira

Sejamos sinceros Por que temos essa cegueira ou, no mínimo, essa miopia? Pode ser por três razões:

— 1ª) Porque nos “acostumamos” a ser queridos, a ser servidos, a ser ajudados. Não só não percebemos essa dedicação dos outros, como nos achamos friamente com o direito de recebê-la. Cegados pela habituação, acabamos achando normais o afeto e as atenções dos outros, e só pensamos em exigir-lhes mais. Falta-nos a “percepção”, base da gratidão.

O amor, pelo contrário, faz com que vejamos as coisas boas dos outros como um dom de que muitos carecem e, a rigor, nós não merecemos. “Como é bom – pensamos, comovidos – que eles sejam bons, que nos amem, que sejam educados, que nos tratem bem, que cuidem de nós, apesar e que correspondemos tão mal”...

— 2ª) Também nos deixa cegos um preconceito: a obsessão de pensar no que as pessoas “deveriam ser” para corresponderem ao que nós – para satisfação egoísta – gostaríamos que fossem. Isso faz com que não nos demos conta do que realmente “são”, dos valores que possuem precisamente por serem “como são”, e não como nós desejaríamos.

É o caso da mulher que diz: “Meu marido é bom, correto, afetuoso, dedicado, mas eu gostaria que fosse..., e não há jeito de que ele mude”. Com essa mentalidade, não pode ser agradecida, ou então só vai ter um agradecimento formal: “Sim, claro, reconheço que tem muitas qualidades, *mas...*” Aí está o problema: esse *mas*, que atravanca o coração.

²³ Cf. *A inveja*, Ed. Quadrante, São Paulo 2000, pp. 41 ss

Se, com a ajuda de Deus, conseguíssemos pensar um pouco menos em nós mesmos «aprenderíamos – como escrevia São Josemaria – a descobrir muitas virtudes naqueles que nos rodeiam – dão-nos lições de trabalho, de abnegação, de alegria... –, e não nos deteríamos demasiado nos seus defeitos, a não ser quando fosse imprescindível para os ajudarmos com a correção fraterna»²⁴.

— 3ª) A outra venda que tapa os olhos é o ressentimento. Mágoas não superadas são como os vazamentos de óleo de um petroleiro no mar: grandes manchas que poluem as águas e nelas matam a vida. Já tratamos amplamente disso nos capítulos quinto e sexto. Não vamos repetir.

Duas formas de reconhecer

Pense que há duas maneiras de clarear a vista, de “reconhecer” aquelas qualidades dos outros dignas de gratidão, que tínhamos esquecido ou desprezado:

— A primeira é inútil e dolorosa. Com as coisas boas dos outros pode acontecer-nos o mesmo que com o oxigênio: só quando nos asfixiamos é que tomamos consciência do seu valor enorme. Da mesma maneira, muitos só descobrem o valor do carinho, das atenções, da abnegação, da paciência dos outros, quando estes faltam, isto é, quando morrem. Então veem, sim – entre remorsos e lágrimas –, o que antes não souberam apreciar... É uma gratidão tardia, já só podemos retribuir rezando pela alma dos que Deus chamou deste mundo..

— A segunda é boa, e é uma graça que devemos pedir a Deus, dispostos a colaborar com ela. Consiste em esforçar-nos por viver, cada vez, mais perto de Deus – da Luz –, purificando os nossos defeitos com oração, esforço e contrição (e a confissão humilde das nossas faltas!), e ganhando intimidade com Cristo na Eucaristia, na meditação da Palavra de Deus, no carinho por sua Mãe e nossa...

Só assim, tendo *vida interior*, poderemos pedir a Jesus sinceramente, como São Josemaria: «Que eu veja com teus olhos!», e captaremos com lucidez o que o Senhor dizia: *Se o teu olhar for sã, todo o teu corpo estará iluminado. Se o teu olho estiver doente, todo o teu corpo estará nas trevas (Mt 6,22-23).*

● Segunda atitude: *Retribuir*

Pouco vamos comentar acerca disso. Façamos apenas um simples exame que responda a esta pergunta: Sei retribuir constantemente, de modo delicado e claro, as coisas boas que recebo dos outros?

²⁴ São J. Escrivá, *Amigos e Deus*, n. 20

— Como é bom achar o jeito de retribuir a bondade dos outros com atenções pequenas, até minúsculas: aproximar um bule ou o açucareiro à mesa, ceder o lugar melhor para assistir tv, prontificar-nos alegremente a desembulhar um pacote que a outro custa desamarrar, ou adiantar-nos a comprar uma pequenez de que alguém precisa quando saímos à rua, ou abriremos gentilmente a porta e ceder a passagem...

— Como é bom também retribuir, agradecidos, mediante alguns gestos simpáticos: um sorriso unido a um olhar afetuosos; o silencioso detalhe de um beijo; um telefonema ou mensagem oportunos; um pequenino presente-surpresa...

— E, por fim, como é bom retribuir colocando uma gota mais de “alma”, de carinho, de calor afetuosos, nas fórmulas costumeiras mil vezes repetidas de saudar, acolher, despedir: “Bom dia”, “Boa noite”, “Como vai”, “Fica com Deus”, “Até mais”...

Acrescente por conta própria outras belas coisas que o seu coração agradecido – cheio de “engenho e arte” – saberá descobrir e praticar como retribuição pelo muito que recebe.

15. A BONDADÉ

Junto de uma pessoa boa

Poucas coisas tornam a vida tão amável como ter a sorte de conviver com uma pessoa boa, realmente boa.

Há já bastantes anos escrevi – agradecido por ter tido a bênção de experimentá-lo muitas vezes – que «uma das impressões mais gratas e indeléveis da vida é ter conhecido um homem *bom*. Quando evocamos a figura de pessoas que nos marcaram pela sua bondade, sentimos um misto de admiração e agradecimento»²⁵.

Mas se nos perguntarem por que dizemos de certa pessoa que é “boa”. possivelmente teremos dificuldade de expressá-lo em poucas palavras. No entanto, é claro que consideramos boa uma pessoa que exerceu sobre nós uma influência benéfica, pois a bondade é captada sobretudo pelos seus efeitos, ela “irradia”.

²⁵ Cf. F. Faus, *O homem bom: reflexões sobre a bondade*, 2ª edição, Quadrante 2003. O texto deste capítulo é extraído, quase literalmente, de alguns trechos desse livro

Sempre que se dá uma “irradiação” – tanto no campo físico como no espiritual –, é porque há “algo intenso” que exerce um influxo. Do nada, nada irradia. Só a matéria incandescente emite claridade e calor. Da mesma forma, a influência de uma pessoa boa procede das qualidades interiores dela pessoa. Cristo ensina-nos isso com uma imagem: *O homem bom tira boas coisas do seu bom tesouro; e o mau homem tira más coisas do seu mau tesouro* (Mt 12, 35). Se não há em nós um “tesouro bom”, nada de bom vamos difundir.

O que é, porém, esse tesouro? Vale a pena esclarecê-lo refletindo um pouco sobre a diferença que há entre a “bondade aparente” e a “bondade real.”

A bondade aparente

Todos conhecemos pessoas que tem fama de serem boas. Parentes e conhecidos costumam referir-se a elas dizendo: “É tão bom!”... Mas dá o que pensar quando dizem: “Coitado, ele é tão bom!...”, e acompanham as palavras com um sorriso de condescendência. Por trás do “coitado” adivinhamos que se esconde um tipo de “bondade” que é própria dos que têm pouca firmeza de espírito, pouca força de caráter. Uma bondade mole e superficial.

Não se trata de pessoas que fingem ser boas para ficarem bem. Costumam ser homens ou mulheres que têm um coração bom – cheio de bons *sentimentos* – e uma inclinação natural para facilitar a alegria e o bem-estar dos outros. Mas essa bondade é tão frágil quanto simpática. É frágil porque se apoia sobre dois pilares falsos: um temperamento complacente e um sentimentalismo brando.

Tais pessoas não são “boas”. São apenas “bonachonas” ou “bonacheironas”. Detestam brigas e desavenças. Não querem ver caras feias. A sua maior aspiração consiste em estar em paz com todos e gozar do apreço geral. Querem agradar a todo o mundo e, por isso, vivem concordado com tudo e cedendo em tudo, mesmo no que faz um mal tremendo àqueles que eles julgam amar.

O “bondoso superficial” parece ser compreensivo, mas é apenas condescendente. Não é que “compreenda”, isto é, que entenda profunda e amorosamente os outros para assim ajudá-los. Simplesmente, concorda com as opiniões, a conduta e os desejos de todos para ganhar, com a sua anuência, a estima alheia. É, portanto, um egoísta. Faz a vida agradável – sobretudo para si mesmo – ao preço de cobrir com panos quentes os vícios e erros que destroem moralmente os demais, especialmente as crianças e os jovens. Por duro que pareça, essas pessoas não são carinhosas: são cúmplices dos caprichos que desestruturam o caráter e a moral dos que eles julgam amar.

A criança mimada, que diz “papai é mau” quando este a contraria, não se cansa de dizer que a avó ou o avô são muito bonzinhos, porque lhe satisfazem todos os caprichos.

O pai bonachão deixará passivamente que a filha adolescente se envolva com amizades bem pouco recomendáveis, porque não quer atritos e – além do mais – é muito incômodo carregar a etiqueta de “pai antiquado e tirânico”. Por isso, não será nem tirano, no que fará bem, nem pai, no que fará pessimamente. E quando estourarem as consequências lamentáveis da sua omissão, chorará lágrimas mansas e se consolará dizendo: “A juventude atual é difícil, é diferente da juventude dos meus tempos”. Mas a filha já estará moralmente aniquilada.

Tais bondosos não são bons, porque não nos fazem bem. A bondade, ou comunica um bem – um valor que aumenta a nossa qualidade moral –, ou não é bondade, e pode ser até muito maléfica.

A bondade real

Sublinhemos uma verdade básica: bom, de verdade, é somente aquele que nos faz bem, e o bem é acima de tudo o valor moral e espiritual de uma pessoa. Portanto, bom mesmo é somente aquele que nos ajuda a ser *melhores*.

Quando já vivemos um bom pedaço da vida e olhamos para trás, contemplamos um vasto panorama de vicissitudes diversas, de erros e acertos, de perigos que nos ameaçaram, de dúvidas que nos paralisaram, de alegrias e tristezas. Mas, no meio dessas lembranças, muitos de nós podemos ver brilhar uns pontos de luz que jamais esqueceremos: pessoas que, no momento em que mais precisávamos, nos fizeram bem: “Fulano – dizemos – ajudou-me muito”, “significou muito para mim”; “graças a Sicrano, consegui superar um problema grave (ou uma crise familiar ou um estado de ânimo) que poderia ter-me arrasado” ...

Mesmo sem darmos por isso e sem dizê-lo explicitamente, estamos falando de homens ou mulheres bons. Inconscientemente, possuímos a convicção de que foram bons para nós aqueles que nos despertaram para ideais mais nobres, que nos deram a mão para levar-nos a encontrar um sentido mais alto da vida, que iluminaram as nossas escuridades interiores fazendo-nos compreender aquilo por que realmente vale a pena viver.

Em suma, foram “bons” os que nos elevaram a um maior nível de dignidade moral e nos ajudaram a ser melhores, mesmo que para isso tivessem precisado, em algum momento, de nos fazer sofrer, e até sofrer bastante. Contribuíram, assim, para que descobríssemos e abraçássemos o bem, e não se contentaram com deixar que nos “sentíssemos bem” ...

Se, para isso, foi necessário que nos aplicassem uma enérgica e paciente “cirurgia”, não duvidaram em fazê-lo, mesmo sabendo que, de início, não os compreenderíamos. Souberam ter a coragem – pensemos, por exemplo, nos pais e educadores – de dizer-nos serenamente “não” e de manter essa posição em defesa do nosso bem, ainda que nós a

interpretássemos como teimosia prepotente e irracional. Passado o tempo, compreendemos e agradecemos o que essa energia amorosa significou para nós.

O homem bom recusa-se a tomar como princípio de comportamento o infeliz ditado segundo o qual “aquele que diz as verdades perde as amizades”. Pratica a lealdade sincera quando o nosso bem está em jogo. Certamente, não confunde a sinceridade com a franqueza rude, que se limita a lançar em rosto os erros e defeitos em tom áspero e acusatório. Mas arrisca-se de bom grado a ser incompreendido, a ser tachado de moralista e de intrometido, quando percebe que precisa falar-nos claramente, caridosamente mas sem ambiguidades, e não hesita em praticar aquela excelente obra de misericórdia que consiste em “corrigir o que erra”, a fim de levá-lo a encontrar a retidão do caminho moral.

Calar-se, deixando o barco correr e afundar-se é, sem dúvida, mais cômodo. Alhear-se, ou até mostrar-se conivente com os erros alheios, atrai benevolências e simpatias. Mas é uma forma covarde de omissão e uma triste colaboração com o mal.

Esboço do homem bom

Homem bom é, pois, aquele que exerce sobre nós uma influência benfazeja, uma influência que tem como efeito elevar-nos, ajudar-nos a alcançar uma maior altura moral.

Por isso, o homem bom tem, principalmente, uma qualidade: o dom de despertar-nos do sono espiritual, da letargia moral, da mediocridade e da acomodação. É alguém que nos impele a “olhar para cima” e nos ajuda – sobretudo com o seu exemplo – a ver a bondade como uma meta acessível.

O ambiente que nos cerca leva-nos facilmente a ser medíocres. Os idealistas são poucos, e não raro parecem ingênuos ou tolos, se os compararmos com muitos dos que vemos triunfar ou, pelo menos, singrar na vida: os egoístas, os espertos e os aproveitadores. Aspirar a pautar a vida pela honestidade, pela fidelidade, pelo mérito, pelo desprendimento ou pela sinceridade – para falar apenas de algumas facetas do ideal moral – pode ser algo de muito belo na teoria, mas dá a impressão de ser muito pouco útil na prática, pouco eficaz na luta pela vida. Na “selva” do mundo, parecem identificar-se o “bom” e o “bobo”.

Daí que, lá no fundo, muitos preferam ser “como todo o mundo”. E se um idealismo maior lhes bate à porta da alma, afastam-no com desconfiança: não vamos complicar a vida – dizem –, não vamos ser tolos, é mais garantido ficar na “média”, como todos fazem; os Ícaros que pretendem voar muito alto com asas de cera acabam despencando no chão.

Até que, numa hora qualquer da vida, deparamos com um homem bom. O primeiro choque que experimentamos ao tomar contacto com ele é o desconcerto. Começamos a vislumbrar nessa pessoa algo de inexplicável – pois foge aos padrões habituais – e, ao mesmo tempo, de estranhamente atraente.

Percebemos que é alguém que pensa de maneira diferente, vive de maneira diferente. Acredita em valores mais altos, abraça-os com serena convicção e não vacila em pautar por eles a sua vida. Prescinde tranquilamente do que a maioria considera imprescindível para ser feliz: o egoísmo interesseiro, o comodismo, o culto do prazer e do bem-estar, o jogo de pequenos e grandes enganos para obter vantagens... Abraça com firmeza a honestidade, a dedicação desinteressada, o sacrifício, o amor serviçal, a renúncia voluntária, para fazer felizes os outros... Parece estar a um milímetro da utopia, da loucura ou da estupidez. E, no entanto, deixa-nos a impressão indestrutível de ser infinitamente mais alegre, mais realizado e vitalmente mais rico do que a massa amorfa sobre a qual, mesmo sem o pretender, ele se eleva.

É por isso que o homem bom nos obriga a olhar “para cima” e também “por cima” dos nossos esquemas mentais e das nossas opções rotineiras. É como que uma bandeira que incita a entrar por caminhos novos, caminhos que lá no fundo da alma nós desejaríamos trilhar para curar o coração cansado de sábias espertezas e de prudentes mediocridades. E, com o seu exemplo, vem a dizer-nos que esses caminhos são possíveis e mostra-nos o roteiro a seguir.

A limpa autenticidade, o exemplo, as palavras, a ajuda da mulher ou do homem bons fazem-nos descobrir o verdadeiro norte da vida, e para ele nos atraem. Deles irradia, sem palavras, um apelo que nos sugere: vale a pena viver assim e é possível viver assim; se nós o conseguíssemos, alcançaríamos a plenitude da paz e da felicidade com que sempre sonhamos e ainda não conquistamos.

Isso “torna a vida amável” num plano infinitamente mais verdadeiro que todas as simples atenções gentis dos que nos querem bem e as compreensões brandas dos sentimentais tíbios.

16. O MAIOR BEM

O ápice da bondade

No capítulo anterior, víamos que o homem bom não é aquele que nos faz “sentir-nos bem”, mas o que nos “faz bem”, porque nos ajuda a “ser bons”, elevando-nos a uma altura espiritual e moral onde encontramos o nosso “verdadeiro bem”.

Dentre os bens que possamos fazer aos outros, qual é o maior? Qual é o que lhes pode tornar a vida mais amável, mais cheia de paz e de alegria?

Se fizéssemos essa pergunta a Nosso Senhor, Ele poderia nos dizer: “Eu já lhe respondi. Leia o Evangelho”.

Onde? Em que parte do Evangelho? Em quase todo ele, haveria que retrucar. Basta que lembremos, por exemplo, duas passagens que falam por si.

— A primeira é a da cura de um parálítico, realizada no começo da vida pública do Senhor. Atraído pela fama de Jesus, um pobre parálítico e mais quatro amigos decidem procurá-lo para lhe pedir a cura. Não podendo entrar na casa pela aglomeração de povo, sobem ao terraço, abrem um buraco e por ali descem a maca com o doente até a presença de Cristo.

Jesus, vendo-lhes a fé, disse ao parálítico: “Filho, perdoados te são os pecados”. Já reparou? Não fala da enfermidade. Mais do que a doença física, o que dói a Cristo é o pecado, a doença da alma. Por isso, antes de mais nada quer sarar essa alma com a graça do perdão: esse é o “maior bem”; só depois vai sarar também o corpo: Levanta-te, toma o teu leito e vai para casa! (Mc 2,1-12).

— A segunda passagem é um relato das andanças de Jesus pela Galiléia, pregando e curando a muitos. Era a época dos começos da vida pública, em que aumentava cada vez mais o número dos que iam à sua procura. Num dado momento, *Jesus, vendo a multidão, ficou tomado de compaixão, porque estava enfraquecida e abatida, como ovelhas sem pastor; e começou a ensinar-lhes muitas coisas (Mt 9,36 e Mc 6,24)*. Também é uma luz clara. A maior pena de Cristo era a desorientação espiritual e moral daquelas almas, com o risco de se perderem por não achar o caminho de Deus. Para Jesus, não há miséria maior do que essa.

Sim. O que causa a máxima dor a Jesus, o que o move à compaixão, é ver tantas almas “perdidas”, tantas ovelhas desgarradas (cf. *Lc 15,3-7*). Ele veio para salvá-las: *O Filho do Homem veio dar a sua vida pela salvação de muitos (Mt 20,28)*. Veio para anunciar a todos que *o Reino de Deus está próximo* e para os ajudar a entrar nele: *Converti-vos e crede no Evangelho (Mc 1,15)*. Jesus sintetizou essa hierarquia de importâncias, nos bens e nos males do homem, com uma frase que já levou muitos à conversão: *Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro se, depois, perde a sua alma? (Mt 16,26)*.

Que olhos tem o nosso amor?

Reconheçamos que é frequente quereremos bem as pessoas, desejar que tenham uma vida amável e, no entanto, esquecer-nos de que, sem Deus, todos os outros benefícios são efêmeros e decepcionantes.

Que olhos tem o nosso amor? Será que não somos com o louco que, encontrando um ferido na calçada com uma forte hemorragia, em vez de pedir urgentemente uma ambulância, se limitasse a enxugar-lhe o suor da testa, a refrescar-lhe a cabeça com água e a recolocar-lhe um sapato caído na valeta. Belo amor! Coisa de doido, não é?

Pois bem, por duro que seja dizê-lo, muitos pais e mães, irmãos, mestres, amigos, colegas, etc., agem como esse doido. Querem fazer o bem, tornar felizes os que amam, e, para isso, facilitam-lhes bens materiais, físicos, culturais e afetivos (coisas em si boas, embora insuficientes), mas nada fazem para curar a chaga letal da ausência de Deus.

Você não percebe que a sociedade atual, que às vezes tanto nos preocupa (lamentamos as drogas, o crime, a corrupção, o sexo destrambelhado, a crescente ruína das famílias...), é um mundo que grita ao nosso coração: “Cego! Abra os olhos! Compreenda que tudo isso é falta de Deus!” .

Que razão tão grande tinha São Josemaria, quando escrevia: «Convençamo-nos de uma realidade sempre atual: chega sempre um momento em que a alma não pode mais; em que não lhe bastam as explicações vulgares; em que não lhe satisfazem as mentiras dos falsos profetas. E, mesmo que então não o admitam, essas pessoas sentem fome de saciar a sua inquietação com os ensinamentos do Senhor» (*Amigos de Deus*, n. 260).

O escritor católico Pierre Blanchard conta que o romancista inglês G. Borrow, passando perto de um acampamento de ciganos, foi confundido com um ministro religioso: “Senhor, padre ou ministro – suplicou um deles –, dê-nos uma boa palavra, dê-nos Deus!” “Eu não sou, respondeu, nem padre nem ministro. Que o Senhor tenha misericórdia de vocês. Não lhes posso dizer outra coisa”. Enquanto se afastava dando às crianças algumas moedas, uma velha gritou-lhe: “Guarde o seu dinheiro. Nós não temos precisão de dinheiro; dê-nos Deus – *Give us God!*”». (*A santidade e o nosso tempo*, Ed. Aster, p. 87)).

Muitos, sem terem talvez consciência disso, nos gritam sem palavras: “Por que não nos dá Deus?” Não fechemos os olhos a essa realidade, que Bento XVI expressava assim na Encíclica sobre o Amor de Deus: «Muitas vezes, é precisamente a ausência de Deus a raiz mais profunda do sofrimento» (*Deus caritas est*, n. 31).

Ninguém dá o que não tem

“Dê-nos Deus!”. Mas, para dar, é preciso ter. Por isso, será bom lembrar brevemente três condições básicas que precisamos possuir para poder levar Deus aos outros.

- Primeira: *Convicção*. Já viu com que naturalidade – às vezes com que ardor! – falam os torcedores sobre o seu time; ou os amantes do exercício físico sobre o valor do seu

método; ou os vegetarianos sobre o valor da sua dieta; ou os viciados em celular sobre um novo aplicativo... Desejam falar, dar a conhecer, convencer. Tem a “convicção” de que aquilo é “bom” e querem compartilhá-lo.

Será que não é a nossa falta de convicção, a nossa falta de fé, o que nos leva a deixar aqueles que amamos privados do maior bem. É a fé morna a que nos inibe e trava a língua quando deveríamos falar de Deus com alegria e naturalidade. Medite, então, sobre mais duas qualidades, que são, por sua vez, condições necessárias para termos convicção.

- Segunda: *Doutrina*. É preciso conhecer o Evangelho, a vida de Cristo, a doutrina cristã, a riqueza inexaurível dos ensinamentos autênticos da Igreja. Sem isso, as nossas “convicções” serão meras “opiniões”, tão voláteis como qualquer outra opinião sem fundamento. Reconheçamos que nos falta formação. É urgente decidir-nos a aumentar muito a nossa formação cristã.

Você entende que não podemos levar Cristo aos outros com entusiasmo, se o conteúdo da nossa fé é tão pobre, tão pouco definido como uma nuvem ao vento. Faz-nos muitíssima falta possuir as verdades-luz do Cristianismo – *Eu sou a Luz do mundo*, diz Jesus (Jn 8,12) –, as ideias-mestras da fé tornadas em nós certezas e assumidas na vida real. Só então poderemos ser a fonte que dá vida aos desertos espirituais dos demais.

Se ainda não o fez, reafirme agora os seus propósitos de ler e meditar diariamente o Evangelho (todo o Novo Testamento), de dedicar uns minutos diários a leituras pausadas e meditações sobre a vida de Cristo, sobre as verdades da fé e a riquíssima espiritualidade cristã; a estudar seriamente a doutrina católica para poder explicar, esclarecer, tirar dúvidas e vencer preconceitos... Isso é possível, mais ainda, é necessário para quem sente a responsabilidade de dar aos outros o maior bem.

- Terceira: *Calorias espirituais*. Estou usando uma expressão que empregava São Josemaria ao falar do apostolado: «De quantas calorias espirituais não precisas! – E que responsabilidade tão grande, se esfrias! E (nem quero pensar) que crime tão horrível se desses mau exemplo!» (*Caminho*, n. 944).

“Calorias” são: vida interior, vida de oração, vida eucarística, vida de intimidade com Deus, vida de amor filial a Maria; e também mortificações generosas para superar, com a ajuda da graça, os nossos defeitos e reparar as nossas faltas.

Quando procuramos viver assim – unidos a Deus como a vara está unida à videira (cf. Jn 15,1 ss) – estamos garantindo a nossa eficácia apostólica. Então compreendemos cada vez mais o que São Josemaria exprimia com estas palavras: «É preciso que sejas “homem de

Deus”, homem de vida interior, homem de oração e sacrifício. – O teu apostolado deve ser uma superabundância da tua vida “para dentro”» (*Caminho*, n. 961).

Acabamos de focalizar as três condições que são como sobre um alicerce sobre o qual devemos apoiar a nossa ação, ou seja, o nosso *modo* prático de fazer o maior bem. Consideraremos isso no próximo capítulo.

17. COMO DAR O MAIOR BEM

O sal da terra

Acabamos de ler, no capítulo anterior, aquele grito da velha cigana, que expressa – como um eco que reboa pelos quatro pontos cardeais – o pedido silencioso que nos dirigem muitas almas: “Dê-nos Deus!”.

Vimos também três condições que precisamos possuir para sermos portadores de Deus ao coração dos outros: convicção, doutrina e união com Deus (vida interior).

Essa última condição é tão básica, que sem ela a nossa ajuda ficaria tão vazia como *um bronze que soa* (1 Cor 13,1). Portanto, a coisa mais *prática* que devemos procurar – se quisermos fazer esse bem maior aos demais – é termos uma vida de oração e de mortificação cristã cada vez mais intensa e sincera.

Não se lembra do que Jesus dizia? *Vós sois o sal da terra. Se o sal perde o seu sabor, com que será salgado? Para nada mais serve senão para ser lançado fora e pisado pelos homens* (Mt 5,13). Perguntemo-nos: Eu sou sal, eu sirvo, eu tenho em mim – impregnando os pensamentos, palavras e ações – a experiência e o “sabor” de Deus?

Ao meditar nisso, compreendemos que não é egoísmo, mas amor, o que São Josemaria pedia ao dizer: «Alma de apóstolo: primeiro, tu», esclarecendo depois: «Nunca sejais homens ou mulheres de ação longa e oração curta». «É inútil que te afadigues em tantas obras exteriores, se te falta Amor. – É como costurar com agulha sem linha» (*Caminho*, nn. 930, 937 e 967).

Esforcemo-nos por enraizar o amor a Deus e ao próximo na nossa alma! Não nos aconteça o que o mesmo santo diz, com umas palavras que deixaram pensativo a mais de um cristão: «De longe, atrais: tens luz. – De perto, repeles: falta-te calor. – Que pena!» (*Caminho*, n. 459).

Só o amor abre caminhos

Modos de fazer apostolado? Incontáveis! Tantos quantos o amor sincero a Deus e ao próximo é capaz de descobrir ou inventar. Não há aqui nem trilhos, nem bitolas, nem cartilhas, nem manuais de instruções. Ame a Deus, queira de verdade a todos... e enxergará o caminho que deve seguir em cada caso.

“Queira de verdade”, acabamos de dizer. Para um cristão comum – o cidadão católico comum, solteiro ou casado –, o apostolado brota naturalmente da amizade, do carinho, do afeto para com os familiares, colegas, o namorado ou a namorada, os amigos...

Se possuímos o que Santo Tomás chamava “amor de amizade”, não falaremos das coisas de Deus – ao fazer apostolado – adotando ares de superioridade, nem nos apresentaremos como “mestres” nem como “pregadores”; não ficaremos insistindo como uma mosca pegajosa, se o outro, livremente, manifestar que “agora” não quer tratar disso. O bom caminho, então, será rezar mais por ele e aguardar, mas sem permitir que o afeto, a amizade sincera esfriem nem um pouquinho. Esperaremos, confiantes em que Deus tem as suas horas, e as almas também.

Acontece, porém, que para alguns comodistas a hora de Deus é “nunca”. Sempre acham falsas desculpas para abandonar espiritualmente os outros: “Quem sou eu?” “Eu não sou santo” “Tenho vergonha, sou tímido” “Por que me intrometer na vida dos demais?”... Quem tem amor de amizade supera essas inibições tímidas, como o atleta olímpico que aceita o desafio de saltar com vara o sarrafo mais alto. Você tem medo? Tem respeitos humanos? Pense, então, que a “vara” do seu Amor é curtinha e quebradiça.

É claro que estou falando para cristãos que desejam fazer apostolado e, portanto, são capazes de entender essas coisas. A eles se dirige a Igreja quando ensina que, em virtude de sua união com Cristo no Batismo, é missão de todos fazer apostolado. E que o apostolado “específico” dos leigos é o que fazem no ambiente cotidiano: na família, no trabalho, na vida em sociedade, nas chamadas “estruturas seculares”²⁶.

Rumos do apostolado dos leigos

Vejamos alguns possíveis rumos desse apostolado, sugeridos por um dos maiores promotores do ideal de santidade e de apostolado dos cristãos comuns no meio do mundo, São Josemaria Escrivá.

²⁶ Concílio Vaticano II: Constituição *Lumen Gentium* nn. 30 e ss; Decreto sobre o *Apostolicam actuositatem*, sobre o apostolado dos leigos, nn. 3 e ss.

São Josemaria não se cansava de ensinar que a amizade, o trato confiante com os outros no convívio diário, é a primeira e principal porta que se abre para esse apostolado. Dois textos dele são muito ilustrativos:

— «Faze a tua vida normal; trabalha onde estás, procurando cumprir os deveres do teu estado, acabar bem as tarefas da tua profissão ou do teu ofício, superando-te, melhorando dia a dia. Sê leal, compreensivo com os outros e exigente contigo mesmo. Sê mortificado e alegre. Esse será o teu apostolado. E sem saberes por que, dada a tua pobre miséria, os que te rodeiam virão ter contigo e, numa conversa natural, simples – à saída do trabalho, numa reunião familiar, no ônibus, ao dar um passeio em qualquer parte – falareis de inquietações que existem na alma de todos, embora às vezes alguns não as queiram reconhecer: irão entendendo-as melhor quando começarem a procurar Deus a sério» (*Amigos de Deus*, n. 273).

— Outro conselho: «Essas palavras que tão a tempo deixas cair ao ouvido do amigo que vacila; a conversa orientadora que soubeste provocar oportunamente; e o conselho profissional que melhora o seu trabalho...; e a discreta indiscrição que te faz sugerir-lhe imprevistos horizontes de zelo... Tudo isso é “apostolado da confiança”» (*Caminho*, n. 973).

Há outros possíveis “rumos” do apostolado dos cristãos comuns na vida cotidiana:

— São Josemaria fala do “apostolado epistolar” (*Caminho*, n. 976). Quando escreveu essas palavras, os meios de comunicação eram as cartas, os telegramas e os telefonemas. Hoje, temos uma riqueza enorme de possibilidades no celular, na Internet e nas redes sociais. Para alguns, são um meio terrível de matar o tempo e de perder a alma. Procuremos que, para nós, sejam um meio esplêndido de diálogo, de amizade e de apostolado. Como é que utilizamos essa arma preciosa que Deus põe à nossa disposição?

— Também fala do “apostolado do almoço” (*Ibidem*, n. 974). Hoje é tão comum almoçar com colegas da universidade, da empresa, da fábrica, do escritório. É bonito ver como muitos aproveitam esses breves intervalos para consolidar a amizade, puxar com naturalidade assuntos que despertam o interesse por temas éticos de atualidade, ou de doutrina cristã..., e bastantes deles acabam por conseguir –em uma sala do próprio local de trabalho – reunir vários colegas para estudarem juntos questões sobre o sentido da vida, sobre a ética das virtudes, sobre os Evangelhos, sobre o Catecismo da Igreja Católica, etc. Você já tentou algo disso?

— Mais um meio eficaz de apostolado. O que descreve o número 467 de *Caminho*: «Livros. - Estendi a mão, como um pobrezinho de Cristo, e pedi livros. Livros! Que são alimento para a inteligência católica, apostólica e romana de muitos jovens universitários. –

Estendi a mão, como um pobrezinho de Cristo... e sofri cada decepção! – Por que será que não entendem, Jesus, a profunda caridade cristã dessa esmola, mais eficaz do que dar pão de bom trigo?». Isso, que foi escrito para estudantes, serve para todos em qualquer situação e idade. Que fazemos?

— Por fim, não esqueçamos que – como repetia incansavelmente São Josemaria – «todo apostolado deve estar precedido, acompanhado e seguido pela oração». Queremos eficácia no apostolado? Sigamos então o roteiro que ele indicava, e que São João Paulo II citou como um dos ensinamentos fundamentais desse santo na homilia da sua canonização: « Primeiro, oração; depois, expiação; em terceiro lugar, muito em “terceiro lugar”, ação». (*Caminho*, n. 82).

O Salmo 118(119),32, fala de que Deus dilata o nosso coração, para «correremos» pelos seus caminhos. Tomara que dilate o nosso e saibamos tirar dele planos e iniciativas com garra, para assim chegarmos mais longe no nosso apostolado.

18. O TESTE DA CRUZ

A pedra de toque

O sofrimento é o melhor teste da qualidade espiritual de uma pessoa. O modo de sofrer – se for sereno, discreto e corajoso – revela o nível de maturidade do nosso amor a Deus e do amor ao próximo.

A pessoa egoísta, quando sofre, volta-se para si mesma; sente-se vítima, cai na autocompaixão, reclama e absorve – de modo desagradável e exigente – as atenções dos demais; pode tornar a vida insuportável aos que estão junto dela. Tem muita razão o autor da *Imitação de Cristo*, quando diz: «Nós logo sentimos e calculamos os sofrimentos que os outros nos causam, mas não nos damos conta dos sofrimentos que nós lhes causamos» (cf., Livro II, cap. 5).

Pelo contrário, quando a pessoa que sofre tem uma alma grande, cresce no amor e amadurece nas virtudes. Com seu exemplo edifica os outros e os ajuda a enfrentar, com mais fé e paz, as contrariedades.

Entende-se, deste modo, a frase de São Josemaria: «Não esqueças que a Dor é a pedra de toque do Amor» (*Caminho*, n. 439). Assim como a “pedra de toque” serve para avaliar a pureza do ouro, a dor abraçada com fé revela a pureza do amor.

Uma longa história de amor e dor

A história do Cristianismo oferece uma corrente ininterrupta de milhares de almas – homens, mulheres, crianças –, que, sustentadas pela fé e o amor cristão, souberam abraçar a Cruz, a renúncia, o sacrifício, os tormentos e a morte, com a alma cheia de paz, felizes por dar a vida, unidos à Cruz de Cristo, pela salvação do mundo. São impressionantes os relatos de incontáveis mártires – antigos e atuais – que, com o exemplo, humanamente inexplicável, da paz da sua alma no meio das torturas, converteram muitos dos que os contemplavam e até alguns de seus próprios carrascos²⁷.

Fazendo isso, os mártires seguiam os passos de Jesus. Cumpriam fielmente o que escrevia São Pedro: *Cristo sofreu por vós, deixando-vos o exemplo, para que sigais os seus passos... Ele que suportou os nossos pecados no seu corpo, sobre o madeiro da Cruz... (1 Pd 2, 21)*; e o que São Paulo praticava: *Alegro-me nos sofrimentos suportados por vossa causa e completo na minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo pelo seu corpo, que é a Igreja (Cl 1,24)*.

São João Paulo II afirmava que, «no final do segundo milênio, a Igreja tornou-se novamente “Igreja dos mártires”. As perseguições contra os crentes – sacerdotes, religiosos e leigos – realizaram uma grande sementeira de mártires em várias partes do mundo. É um testemunho que não se pode esquecer» (Carta Ap. *Tertio millennio adveniente*, n. 37).

O martírio é o maior “selo de garantia” da autenticidade da fé cristã. Mas não esqueçamos que há outro “selo” da fé e do amor, tão difícil, às vezes, como o martírio, ainda que não o pareça: a generosidade em aceitar com paz e oferecer a Deus as contrariedades de cada dia durante anos e anos, a vida toda: com saúde e com doença, com cansaço e sem cansaço, em casa, no serviço, na vida social, a todas as horas.

«Quantos se deixariam cravar numa cruz perante o olhar atônito de milhares de espectadores – dizia São Josemaria –, e não sabem sofrer cristãmente as alfinetadas de cada dia! - Pensa então no que será mais heroico» (*Caminho*, n. 204).

Façamos um pequeno teste: O que pode aproximar mais de Deus os filhos ainda crianças ou adolescentes? Com certeza não serão as queixas impacientes dos pais, as irritações diante das contrariedades, os protestos contra as surpresas desagradáveis. Pelo contrário, atrairá os filhos para Deus a serenidade com que o pai ou a mãe sofrem sem se queixarem um malestar crônico ou longas dificuldades financeiras, o sacrifício sorridente com que encaram um esquema de trabalho muito pesado, a capacidade de corrigir os filhos com firmeza sem perder a paz, a alegria inabalável quando se prolongam as provações mais duras.

As dificuldades cotidianas são a *cruz de cada dia* de que fala Jesus (*Lc 9,23*), a cruz que Ele nos pede abraçar com um «sacrifício escondido e silencioso», a cruz que faz do

²⁷ Cf. Luiz Fernando Cintra, *Os primeiros cristãos*. Ed. Quadrante, 2ª ed. Quadrante, São Paulo 1991

cristão um «mártir sem morrer» (*Caminho*, nn. 185 e 622); e tudo sem complexo trágico, sem fazer “cara de vítima”, sem *desfigurar o rosto* para inspirar compaixão (cf. *Mt 6,16*).

O amor cristão à Cruz – por Cristo – torna possível padecer sem se vergar sob o fardo da dor; passar mal e continuar mesmo assim a trabalhar e a fazer o bem a todos; e a dar, enfim, com naturalidade, até a última gota. Isto é santidade. Esta é uma das melhores maneiras – se não a melhor – de “tornar a vida amável” aos que nos cercam.

«*De onde vos vêm as forças?*»

São Pedro dá testemunho de que os pagãos, surpreendidos pela alegria dos cristãos nas perseguições, ficavam pasmados; e, por isso, o apóstolo recomendava aos fiéis: *Caríssimos,...alegrai-vos por participar dos sofrimentos de Cristo... E estai sempre prontos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que a pedir (1Pd 4,13 e 3,15)*.

Também hoje, comenta São Josemaria, muitos, quando veem cristãos que permanecem alegres no meio de muitas dificuldades, se sentem impelidos a perguntar-lhes: «Como se explica a vossa alegria? De onde vos vêm as forças para vencer o egoísmo e o comodismo?» (*É Cristo que passa*, n. 148).

A resposta está numas breves palavras da carta que o Papa Francisco enviou ao Prelado do Opus Dei com motivo da Beatificação de seu predecessor, o Bispo Álvaro del Portillo: «Este é o caminho da santidade que todo cristão deve percorrer: deixar-se amar pelo Senhor, abrir o coração ao seu amor e permitir que seja Ele quem guie a nossa vida» (Carta lida aos participantes da Beatificação, em 27/09/2014, antes do início da cerimônia litúrgica).

Quer dizer que tudo é uma questão de amor. Só o amor gera amor. Só o amor vivificado pela graça de Deus pode levar-nos a abraçar a dor e transformá-la por sua vez em amor a Deus e ao próximo. Esse é um prodígio especificamente cristão, infinitamente superior ao fanatismo suicida e à insensibilidade estoica.

Alguns testemunhos

Os testemunhos dos cristãos que passaram, e passam atualmente, vitoriosos pelo “teste da Cruz” são incontáveis.

Volto a mencionar São Tomás More, antes citado. Encarcerado na Torre de Londres por longo tempo, quando já estava próxima a sua execução, dizia a Margareth, sua filha predileta: «Minha filha queridíssima, nunca se perturbe a tua alma por qualquer coisa que possa vir a acontecer comigo neste mundo. Nada pode acontecer senão o que Deus quer. E

tenho plena certeza de que, aconteça o que acontecer, por muito mau que pareça, será na verdade o melhor»²⁸.

Gostaria de lembrar também dois exemplos dos nossos tempos, que pude conhecer pessoalmente de perto.

O primeiro, é o de São Josemaria Escrivá, com quem tive a graça de conviver em Roma por dois anos. Coincidi, em 1954, com a época em que o diabetes que padecia alcançou o maior pico de gravidade, tanto assim que estive à beira da morte. Dou testemunho de que presenciei dia a dia exatamente o que descreve seu principal biógrafo: «Trabalhava e mexia-se como se estivesse bem de saúde... Custava-lhe sorrir; mas os seus filhos recordam-no sempre com o sorriso nos lábios». Nós, os estudantes que o víamos quase diariamente, «nada notávamos – escrevi há tempo –; de nada se queixava nem com a palavra nem com a expressão do rosto e, por isso, nada nos preocupava. Não sabíamos que, na verdade, durante todos aqueles meses felizes vividos junto de um Padre que irradiava dinamismo e felicidade, estivera atravessando uma das piores fases da sua doença»²⁹.

O segundo exemplo é de uma menina de Barcelona, membro do Opus Dei, Montserrat Grases – cujo processo de Beatificação está em curso –, que faleceu em 1959, aos 18 anos, de um câncer na perna. Da sua tocante biografia extraio só este testemunho de uma amiga que a acompanhou em várias das trinta sessões de radioterapia:

«Quando íamos a essas sessões, todas as enfermeiras perguntavam-lhe o que tinha; mas ela mudava logo de conversa e acabava perguntando pelas coisas delas. Fez-se muito amiga de uma enfermeira: soube que aquela moça gostava de desenhar, e ficaram falando dos desenhos e dos problemas da outra... Às vezes, quando terminávamos, a enfermeira dizia-me: – “Como é simpática, alegre e carinhosa esta menina! Mas nunca fico sabendo se a perna lhe dói ou não. Você sabe?” E eu lhe respondia: – “Eu também não sei”. Porém, com certeza no momento de lhe fazerem os curativos, sofria uma barbaridade. Sofria pelos outros. Ela sempre sofria pelos outros» (isto é, oferecia a dor a Deus pedindo pelos outros)³⁰.

São uns poucos exemplos do “teste da Cruz”. Mas ajudam-nos a perceber como é o amor cristão testado pela dor. Um amor que, com a graça de Deus, todos nós podemos exercitar cada vez melhor, quando procuramos abraçar a Cruz com Cristo.

19. O AMOR SEM ROTINA

²⁸ Thomas More, *A sós com Deus: Escritos da prisão*, Quadrante 2002, pp. 78-79

²⁹ A. Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, Quadrante, São Paulo 1989, pp. 325-326; e F. Faus, *A paciência*, Quadrante, São Paulo 1995, p. 34

³⁰ J.M. Cejas, *Montse Grases. La alegría de la entrega*. Ed. Rialp, Madrid 1993.

O coração enferrujado

“Estou enferrujado – dizia-me um amigo –, faz tempo que não jogo bola”. Esta ferrugem não preocupa. Provavelmente bastará treinar um pouco e fazer “academia” para recuperar a forma. Preocupante é a ferrugem do coração.

Há muitas pessoas que, depois de um tempo de convivência – especialmente os casais – sentem que o amor, o interesse e os sonhos se desgastaram e até se apagaram. A monotonia dos dias, das reações, das conversas, das tarefas, dos problemas..., cansou. “Chega! Sempre a mesma coisa!” O entusiasmo e o amor perderam a graça. Foram atacados pelo tédio: “Tudo isso não me diz nada, assim não dá para aguentar!”

Mas, será que essa rotina que enferruja é causada realmente pela simples repetição dos mesmos hábitos, das mesmas coisas? Na realidade, não. Uma prova disso são os casais que envelhecem numa aparente mesmice sem perder o brilho dos olhos, sentindo-se mais e mais necessitados um do outro e descobrindo uma nova ternura em plena velhice.

O mal não está na repetição das coisas, nem na habituação a outras pessoas, nem na repetição de ações e tarefas... Evidentemente, não podemos evitar as repetições, mas podemos evitar a inércia. O mal está no nosso coração, que nos deixou presos a hábitos egoístas, cegos para a eterna novidade das coisas mínimas quando são vividas com amor.

Um amor que cada dia se renova

Quase no fim de uma longa vida, após muitos anos de entrega plena a Deus e ao próximo, São Josemaria afirmava com simplicidade: «Sinto-me como um criança que balbucia..., e o meu Amor é um amor que todos os dias se renova»³¹.

Não ama quem se deixa arrastar pelo fluxo mecânico dos dias, mas aquele que inicia cada dia como um sonho novo e retoma as tarefas com espírito novo.

Como conseguir isso?

- Em primeiro lugar: Tendo um *ideal de vida* pelo qual valha a pena lutar e sofrer.

Um coração sem ideal fica gasto, envelhecido. Imagine um professor num bom laboratório. Se fica repetindo rotineiramente as mesmas experiências didáticas, com ar

³¹ Beato Álvaro del Portillo, *Instrumento de Deus*, Quadrante 1992, pp. 18 e 21

entediado e sem mais aspiração que a de receber os vencimentos no final do mês, logo se afogará na mediocridade.

Pelo contrário, se é um idealista empenhado na pesquisa; se procura a criatividade didática; se não desiste de continuar a procurar apesar das muitas tentativas falhas; se até mesmo dormindo sonha em novas soluções..., esse terá, em todas as suas tarefas, a chama da alegria e contagiará o entusiasmo aos seus colaboradores.

Pense que esses mesmos dois quadros se podem aplicar ao relacionamento familiar, às tarefas domésticas, à amizade... . Se não tivermos no coração um ideal que nos empolgue, ficaremos cobertos de ferrugem: de tédio e mau humor.

- Em segundo lugar: O ideal, para ser consistente, deve ter uma motivação consistente. Agir por ideais efêmeros, baseados no entusiasmo, na empolgação do momento, não tem solidez nenhuma.

Para um cristão, o ideal consistente chama-se *vocação*: a consciência de que todos recebemos uma chamada de Deus para realizar no mundo uma tarefa única – a nossa –; por outras palavras, que Deus nos dá uma *vocação* e uma *missão* a cumprir. A nossa realização consistirá em cumprir essa missão (na família, na profissão, na sociedade, no mundo), fazendo dela um caminho ascendente de amor, subindo degrau a degrau pela escada do amor a Deus e do amor ao próximo.

Acredite que, quando existe esse sentido vocacional da vida, tudo muda, assim como o sol transforma as sombras noturnas em paisagem colorida.

Guiado pela fé e o amor, o coração cristão aprende então a descobrir, em cada pequeno dever, em cada um dos empenhos necessários para o bom convívio familiar e o cumprimento das tarefas cotidianas, uma oportunidade – renovada em cada dia – de se dar mais, de servir melhor, de alcançar um novo grau de perfeição, de expressar uma generosidade mais alegre...

E isso porque aprendeu a captar, nos pequenos pormenores do dia-a-dia, a presença de Deus e o seu apelo. Aquelas mesmas realidades cansativas que a rotina faria murchar, o ideal cristão revigora com viço inesgotável. *Aquele que ama, ensina São João, é trasladado da morte para a vida* (1 Jn 3, 14)³².

Deus, se vivemos com Ele, dá-nos «o dom de iluminar o trivial com resplendores eternos», como Ronald Knox dizia de Chesterton, e nos ajuda a realizar o programa sugerido

³² Cf. *A preguiça*, Ed. Quadrante, 2ª ed., São Paulo 2003, p. 43

por São Josemaria: «Nos detalhes monótonos de cada dia, tens que descobrir o segredo – para tantos escondido – da grandeza e da novidade: o Amor» (*Sulco*, n. 489).

«Eu lhes asseguro, meus filhos – dizia São Josemaria –, que quando um cristão desempenha com amor a mais intrascendente das ações diárias, está desempenhando algo donde transborda a transcendência de Deus. Por isso tenho repetido, com insistente martelar, que a vocação cristã consiste em transformar em poesia heroica a prosa de cada dia. Na linha do horizonte, meus filhos, parecem unir-se o céu e a terra. Mas não: onde de verdade se juntam é no coração, quando se vive santamente a vida diária...» (*Questões atuais do Cristianismo*, n. 116)

As “novidades” e as “surpresas”

Lembra-se da parábola do trigo e o joio? *Enquanto os homens* – os trabalhadores do campo – *dormiam, veio o inimigo e semeou joio no meio do trigo* (Mt 13,25). Quando o nosso coração dorme, o joio, a erva daninha (no caso, a da rotina morna), estraga tudo.

Jesus não se cansa de pedir-nos que estejamos acordados, vigilantes: *Vigiai em todo tempo e orai* (Lc 21,36). *Vigiai e orai* (Mc 14,38). Inspirado por esse espírito, São Paulo convida-nos: *Já é hora de despertardes do sono!* (Rm 13,11).

Hora de acordar! Como seria bom que – entre outras iniciativas espirituais – nos propuséssemos pelo menos estas duas coisas:

— Cada noite, juntamente com as minhas orações e o breve exame de consciência, vou perguntar-me: “Quantas coisas fiz hoje mecanicamente, como um robô ou uma fotocopiadora? Que pormenores “novos” (de carinho, de capricho nas palavras e ações, de ajuda, de delicadeza e compreensão...) plantei, como sementes de amor, neste dia?”

b) Cada manhã, após as minhas breves orações e o oferecimento do dia a Deus, vou perguntar-me: – “Que *novidade* (de oração, de presença de Deus, de visita ao Sacrário, de devoção sincera, de caridade...) vou oferecer a Deus no dia de hoje?” – “Que *surpresa* agradável vou dar hoje a essa, àquela, àquela outra pessoa, que, já habituada com o meu jeito, não está nem imaginando o novo pormenor de amizade e carinho que lhe vou oferecer?”

Vigiar, orar e renovar. Esse é o caminho para que o nosso coração vá se parecendo cada vez mais com o coração do Senhor, que diz: *Eis que faço novas todas as coisas* (Ap 21,5).

20. A SERENIDADE

Uma virtude amável

Todos nós conhecemos pessoas profundamente serenas, portadoras de paz, que somente com a sua presença comunicam tranquilidade e bem-estar a todos os que as cercam. Basta elas aparecerem para que, nos corações, brotem espontaneamente a paz e o sorriso, e as preocupações fiquem para trás.

Que contraste com aquelas outras pessoas que andam inquietas, angustiadas, agitadas e, por isso mesmo, intranquilizam os outros com suas apreensões e receios.

— Talvez, lendo isso, você pense: — Como é bom ser *calmo*!
— E eu lhe responderia: Certamente é ótimo ser *calmo*; mas — como veremos a seguir — ser *sereno* é muito melhor.

O coração calmo

Calma é a pessoa que sabe colocar a reflexão tranquila acima da imaginação agitada; que sabe refletir, meditar, e não deixa extravasar à toa as suas preocupações. Para sermos assim *calmos* precisamos de equilíbrio psicológico, visão ampla, prudência e sensatez.

Para sermos *serenos*, além disso, precisamos de fé. É o que meditaremos na próxima seção deste capítulo.

Calma, equilíbrio, sensatez..., acabamos de dizer. Todos — crentes ou não — temos necessidade dessas virtudes, pois o maior gerador de ansiedade — mais do que os problemas e incertezas da vida — é a nossa imaginação descontrolada. Se a deixarmos à solta, vai povoar a nossa cabeça de nuvens ameaçadoras, de «cruzes imaginárias que nos oprimem com o seu peso... São fantasmas forjados na tua cabeça, fantasmas que a fantasia reveste de cores vivas, atribuindo-lhes mãos largas e temerosas e pernas ágeis e velozes... Uma montanha que, na realidade, é um grão de areia»³³.

Um dos melhores remédios contra essa obsessão inquieta costuma ser a sinceridade. Não se trata de comunicarmos logo as nossas apreensões a pessoas que vão ficar angustiadas e não poderão auxiliar-nos, mas de abrir-nos com um confessor ou orientador

³³ Cf. Salvatore Canals, *Reflexões espirituais*, Ed. Quadrante, s/d, p. 103

espiritual, ou com outra pessoa madura e preparada, que nos possa ajudar a ponderar as coisas de modo equilibrado.

Outro fator de calma interior costuma ser a ordem (nos horários do dia, nos planos de trabalho e de piedade, etc). Se não tivermos ordem, a preocupação com as coisas pendentes, a nebulosa das “mil coisas que tenho que fazer, das que acho que esqueci, das que não vou ter tempo de realizar”, será uma fonte de ansiedade, de perda de tempo e de ineficácia. A desordem tira-nos a paz e leva-nos a contagiar a nossa afobação aos demais.

No texto que citava acima, o autor acrescenta que «um pequeno gesto da tua vida de fé seria suficiente para fazer desaparecer os fantasmas». Esse pensamento nos introduz no tema da *serenidade*.

O coração sereno

Um coração que tem fé é *sereno*, e essa serenidade permite-lhe manter a paz mesmo que haja na vida nuvens e tormentas, problemas graves que a reflexão, por mais sensata que seja, não consegue equacionar.

O segredo consiste em que a serenidade, mais do que um modo de reagir, é um modo de *ver*. É sereno quem consegue contemplar a vida sob a luz de Deus ou, como dizia Michel Quoist, «esposando o olhar divino, a visão divina de nós mesmos, dos outros, das coisas, da humanidade, da história, do universo, do próprio Deus »³⁴.

É significativo verificar que Jesus não só aconselha como *manda* que sejamos serenos. É lógico perguntar-nos como é possível que nos ordene uma coisa que parece fora do nosso alcance? A resposta é porque é Ele próprio quem nos oferece *os caminhos da paz* (Lc 1,79), infundindo-nos a certeza inabalável de que Deus é o nosso Pai e está sempre junto de nós, cuidando a toda hora da nossa vida com solicitude amorosa: *Não se vendem dois passarinhos por um vintém? No entanto, nenhum cai por terra sem a vontade do vosso Pai. Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados. Não temais, pois! Vós valeis bem mais do que os pássaros* (Mt 10,28-31).

No Discurso da Montanha, Cristo insiste: *Não vos inquieteis, não vos aflijais, não vos preocupeis com o dia de amanhã* (cf. Mt, 6,25-34). Três verbos (inquietar, afligir, preocupar) que traduzem um único verbo grego (*merimnein*) repetido pelo Evangelho nesse trecho do discurso de Jesus e que, no original, significa *inquietar-se, angustiar-se*. Jesus não censura a “preocupação” natural – que é um dever – de prever, preparar, programar aquilo que depende da nossa responsabilidade. Fala de outra coisa. Diz-nos que um filho de Deus não

³⁴ Michel Quoist, *Réussir*, Les Éditions Ouvrières, Paris, 1961, pág. 201

deve perder a paz, nem mesmo diante das “preocupações” mais assustadoras e os apertos mais prementes.

A razão que dá é clara para quem tem fé. Temos que ficar em paz, porque *vosso Pai vê, vosso Pai sabe* (cf. Mt 6,26.32). É um Pai que nos ama infinitamente (Jn 16,27), e que, com a sua Providência, *faz concorrer todas as coisas* – mesmo as que nos parecem mais tremendas – *para o bem daqueles que o amam* (Rm 8,28).

A fé dos filhos de Deus

O cristão que tem essa fé (a fé que todos deveríamos pedir ao Senhor), mantém a serenidade – ou a recupera, se a perdeu – porque possui uma confiança absoluta no que Deus quer ou permite para nós. A sua oração é esta: «Senhor, o que Tu quiseres eu o amo» (*Caminho*, n. 773).

Repitamos com segurança “Deus é meu Pai”, e não fiquemos “cozinhando” as nossas preocupações na câmara fechada da imaginação, ficando num monólogo asfixiante. « Nós, filhos de Deus, falamos com nosso Pai que está nos Céus» (*Caminho*, n. 115); e não nos esquecemos em momento algum de que “Ele vê, Ele sabe, Ele me ama”.

Mal uma preocupação começar a inquietar-nos, imitemos Nossa Senhora que, quando não entendia acontecimentos dolorosos (dar a luz num estábulo, não achar o Menino depois de três dias de busca, etc.), ficava *guardando, ponderando essas coisas dentro do seu coração*, em confiança íntima com Deus (cf. Lc 2,19 e 51). E sempre, como no dia da Anunciação, repetia com fé: *Faça-se em mim segundo a tua palavra* (Lc 1,38). Aquele que imitar a Virgem Maria experimentará que «a aceitação rendida da Vontade de Deus traz necessariamente a alegria e a paz: a felicidade na Cruz» (*Caminho*, n. 758).

Confiança não é passividade

Mas é importante que compreendamos que esse abandono nas mãos de Deus nada tem a ver com a passividade fatalista de quem nada faz e fica só à espera de que Deus lhe dê tudo feito. Pelo contrário –por se tratar de um grande ato de confiança em Deus –, o abandono leva a superar o desânimo, aconteça o que acontecer, a expelir o pessimismo, e impele a trabalhar mais do que nunca, a lutar com energia, a perseverar heroicamente no esforço – apoiado na oração – para realizar a missão que Deus nos confia na vida.

Vejamos um belo exemplo disso. Em 27 de setembro de 2014, foi beatificado o primeiro sucessor de São Josemaria Escrivá à frente do Opus Dei, o Bem-aventurado Álvaro del Portillo. No Decreto da Santa Sé sobre a qualidade das suas virtudes, lê-se: «Era um homem de profunda bondade e afabilidade, que transmitia paz e serenidade às almas. Ninguém se lembra de algum gesto seu pouco amável, de um movimento de impaciência

perante as contrariedades, de uma palavra de crítica ou de reclamação por alguma dificuldade».

Ao mesmo tempo, os que o conheceram de perto testemunham unanimemente a sua coragem para enfrentar dificuldades; a sua fortaleza em face das perseguições em tempos de guerra e das incompreensões – por vezes, ferozes – em tempos de paz; bem como a sua incrível capacidade de trabalho; a audácia com que se lançava a iniciativas magnânimas; a impressionante fecundidade de suas realizações intelectuais, pastorais e administrativas, dos seus pareceres e das suas publicações – coisas todas que só se podem explicar por um quilate excepcional de fé e de amor a Deus.

Praticava o que pregava: «Se todos nós – dizia numa homilia – soubermos ponderar, amar, abraçar-nos à Vontade de Deus, experimentaremos o sabor incomparável de estar com a Trindade, mesmo nos momentos mais duros ... A paz resulta da união com Deus em todos os nossos pensamentos, palavras e ações» (Beato Álvaro, *Homilia* 14/02/1992 e *Carta* 01/10/1989)).

Se – como aconteceu na vida dos santos – procurarmos viver da fé e do amor de Deus, nunca estaremos sós nem desistiremos de nada bom. Nunca nos afundaremos nem desanimaremos os demais. Haja o que houver, repousaremos no Coração de Cristo e nos revigoraremos nos braços maternos de Maria Santíssima.

Mesmo que não consigamos compreender as contrariedades e os sofrimentos, saberemos abandonar-nos com confiança, e trabalharemos mais e melhor do que nunca com um sorriso nos lábios.

Teremos paz e daremos paz. Seremos como o Beato Álvaro, que conseguia fazer num dia o que outros faziam em três dias, e «nunca deixava de ter um sorriso franco, cheio de carinho, que efetivamente comunicava paz e alegria»³⁵ a todos os que estavam a seu redor ou colaboravam com ele.

FIM

³⁵ Cf. Javier Medina Bayo, *Álvaro del Portillo – Un hombre fiel*, Ed. Rialp, Madrid 2012, p. 197; e *Novena da serenidade ao Bem-aventurado Álvaro del Portillo*, em www.alvarodelportillo.org